

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
JEFFERSON DE SOUZA

SER OU NÃO SER UM FILHO DA DINAMARCA, EIS A QUESTÃO:
estudo sobre o filme de Ulaa Salim

SÃO PAULO
2024

JEFFERSON DE SOUZA

**SER OU NÃO SER UM FILHO DA DINAMARCA, EIS A QUESTÃO:
estudo sobre o filme de Ulaa Salim**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência para a obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, área de concentração em Comunicação Audiovisual da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Ignês Carlos Magno.

SÃO PAULO

2024

Ficha Catalográfica elaborada pela biblioteca UAM
Com os dados fornecidos pelo autor

S715s Souza, Jefferson de
SER OU NÃO SER UM FILHO DA DINAMARCA, EIS A QUESTÃO
Estudo sobre o filme de Ulaa Salim / Jefferson de Souza – 2024.
82f.: 30 cm.

Orientador: Maria Ignês Carlos Magno.
Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Anhembi
Morumbi, São Paulo, 2024.
Bibliografia: f. 56-58.

1. Comunicação. 2. Cinema Dinamarquês. 3. Xenofobia.
4. Dinamarca. 5. Imigrante. 6. Refugiado. I. Título.

CDD 302

JEFFERSON DE SOUZA

SER OU NÃO SER UM FILHO DA DINAMARCA, EIS A QUESTÃO:

estudo sobre o filme de Ulaa Salim

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência para a obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, área de concentração em Comunicação Audiovisual da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Ignês Carlos Magno.

Aprovado em ----/-----/-----

Profa. Dra. Maria Ignês Carlos Magno

Prof. Dr. Leandro Rocha Saraiva

Profa. Dra. Sheila Schvarzman

Dedico esta dissertação a Maria Vitória, minha pequena de sorriso fácil que me faz seguir em pé e adiante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe que tanto lutou para que eu tivesse acesso a um ensino de qualidade em uma época em que era necessário dormir na frente das escolas públicas para tentar uma vaga. Além disso, teve fundamental importância para que eu pudesse cursar as aulas do Mestrado ao cuidar de minha pequena em minhas ausências, e ainda um agradecimento por ter me levado pela primeira vez ao cinema para assistir o filme *Batman* em 1989. Um agradecimento cheio de saudades à memória de meus avós que um dia resolveram deixar o Nordeste brasileiro e tentar, assim como milhares de outros nordestinos, uma vida melhor na cidade de São Paulo. Falar sobre migração também tem relação com a história de vida deles, de meus pais e a minha também. Aos diversos docentes que contribuíram em minha formação, tanto aqueles da graduação que me deixaram saudosas memórias afetivas, como os do Mestrado que ampliaram meu olhar para o cinema, o que me fez assistir filmes de um modo completamente novo. Agradeço também à Universidade Anhembi Morumbi que me possibilitou cursar o Mestrado com bolsa institucional, bem como à CAPES. E um agradecimento especial à professora Maria Ignês, orientadora que teve paciência comigo e com minhas demandas. Para Paula, minha companheira, presto meu agradecimento por ajudar com os cuidados com a Maria quando precisei. Por fim, minha gratidão à banca de mestrado formada pela professora Sheila Schvarzman e pelo professor Leandro Rocha Saraiva, os quais contribuíram sobremaneira para uma melhora neste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objeto de estudo o filme *Filhos da Dinamarca*, com roteiro e direção do cineasta Ulaa Salim. As principais questões desta obra audiovisual são a xenofobia, a imigração, a identidade e o racismo contra imigrantes que vivem na Dinamarca. Com o recrudescimento da xenofobia na Europa, principalmente contra as populações de origem árabe/islâmica, analisar um filme com este conteúdo permite compreender como esta problemática contemporânea é vista e discutida na Europa. Pretende-se mostrar como as principais questões do filme têm certa correspondência na realidade dinamarquesa atual e contrapõem o imaginário de sociedade perfeita e igualitária que o estado de bem-estar estabeleceu na Dinamarca. Para isso, pesquisou-se textos da crítica especializada dinamarquesa sobre o filme, notícias e fatos da vida política sobre imigração. O estudo do filme e como ele suscita os temas também permitiu a observação de outros elementos que o definem como um melodrama, como por exemplo a música executada, e os personagens que têm seus destinos alinhados, contrapostos e a inocência das poucas mulheres que aparecem na narrativa. Outro ponto importante é compreender Ulaa Salim, que é dinamarquês e filho de imigrantes iraquianos, como um diretor que discute identidade e imigração assim como outros cineastas que são da sua geração e debatem estes mesmos temas. Este trabalho tem sua relevância para outros estudos sobre o cinema dinamarquês, principalmente sobre um cineasta que ainda é jovem e está fora do circuito de diretores mais renomados, e compreender como o Audiovisual pode ampliar olhares sobre questões humanitárias como a imigração, além de tensionar o debate na sociedade e entre os críticos de cinema.

Palavras-chave: Cinema dinamarquês; Dinamarca; Xenofobia; Imigrante; Refugiado.

ABSTRACT

The subject of this research is the film *Sons of Denmark*, scripted and directed by filmmaker Ulaa Salim. The main issues in this audiovisual work are xenophobia, immigration, identity and racism against immigrants living in Denmark. With the rise of xenophobia in Europe, especially against people of Arab/Islamic origin, analyzing a film with this content allows us to understand how this contemporary problem is seen and discussed in Europe. The aim is to show how the main issues in the film have a certain correspondence with current Danish reality and counter the imaginary perfect and egalitarian society that the welfare state has established in Denmark. To do this, we researched texts by specialized Danish critics about the film, news and political facts about immigration. Studying the film and how it raises the themes also allowed us to observe other elements that define the film as a melodrama, such as the music played, the characters whose fates are aligned and contrasted, and the innocence of the few women who appear in the narrative. Another important point is to understand Ulaa Salim, who is Danish and the son of Iraqi immigrants, as a director who discusses identity and immigration in the same way as other filmmakers of his generation who debate these same themes. This work has relevance for other studies on Danish cinema, especially on a filmmaker who is still young and outside the circuit of more renowned directors, and to understand how Audiovisual can broaden views on humanitarian issues such as immigration, as well as tending the debate in society and among film critics.

Keywords: Danish cinema; Denmark; Xenophobia; Immigrant; Refugee.

LISTA DE DIAGRAMA

Diagrama 1 – O filme como centralidade	19
Diagrama 2 – centralidade no filme	19

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Zakaria correndo em um túnel	24
Figura 2 – Pichação com os dizeres “Limpeza étnica, Dinamarca”	24
Figura 3 – Pichação com os dizeres “Voltem para casa, morram”	25
Figura 4 – Cabeças de porcos no chão	25
Figura 5 – Cabeça de porco jogada no chão em frente à casa de Malik	26
Figura 6 – Pichação na porta da casa de Malik	27
Figura 7 – Cartaz digital de divulgação do filme <i>Filhos da Dinamarca</i>	32
Figura 8 – Bandeiras da Dinamarca e do grupo Filhos da Dinamarca	34
Figura 9 – Características físicas de Martin Nordahl (barba e bigode)	39
Figura 10 – Características físicas de Hassan (barba e bigode)	39
Figura 11 – Zakaria corre dentro de um túnel	44
Figura 12 – Malik observa as imagens de uma manifestação de extremistas dinamarqueses	44
Figura 13 – TV exibindo manifestantes extremistas dinamarqueses	45
Figura 14 – As imagens que relevam que Nordahl participava da manifestação	45
Figura 15 – Malik dispara tiros	45
Figura 16 – Nordahl caindo após os tiros	46
Figura 17 – Dannebrog caindo do céu durante a batalha de Lindanise	47
Figura 18 – Imigrantes escondidos e vivendo amontoados	47
Figura 19 – Hassan, Zakaria e Ali (Malik) falam sobre o treinamento para o jovem	48
Figura 20 – A mãe de Zakaria, seu irmão e ele	48
Figura 21 – Zakaria desce uma escadaria	49
Figura 22 – Hassan planejando junto com seu grupo o atentado	49
Figura 23 – Zakaria e o tom vermelho atrás	49
Figura 24 – Malik e seu chefe policial	50
Figura 25 – Martin Nordahl sendo entrevistado	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de sírios que migraram para a Dinamarca entre 2007 e 2022

33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Letra e tradução da canção <i>Lacrimosa</i> que compõe o Réquiem de Mozart	42
---	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

DR – Danmarks Radio

OBMIGRA - Observatório das Migrações Internacionais

ONU – Organização das Nações Unidas

PPD – Partido do Povo Dinamarquês

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 DINAMARCA: ENTRE FICÇÕES E REALIDADES	24
1.1 As séries dinamarquesas, Ulaa Salim e a contundência de sua geração	27
1.2 Filhos da Dinamarca	30
1.3 Refugiados e imigrantes tratados como gado	35
1.3.1 Mudanças nos rumos	35
2 ALEGORIAS DE UMA NAÇÃO OU QUEM PODE SER SEU FILHO?	38
2.1 Melodrama e alegoria	38
2.2 Hassan e Martin Nordahl: líderes extremistas	40
2.3 Onde estão as mulheres?	41
2.4 Zakaria e Malik: vítimas em busca da redenção	42
2.5 Quem ressurgirá das cinzas?	43
2.6 Claro, escuro e vermelho: tons expressivos na tela	46
2.7 Ecos na crítica	50
CONSIDERAÇÕES	53
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE A – Roteiro para Entrevista	59
ANEXO A – Matéria de Claus Christensen og Nicki Bruun	61
ANEXO B – Matéria de Nicki Bruun	64
ANEXO C – Matéria do Deutsche Welle	66
ANEXO D – Matéria do G1	68
ANEXO E – Matéria da CNN	70
ANEXO F – Matéria da POLITICO	71
ANEXO G – Matéria de Kristian Laubjerg	74
ANEXO H – Matéria do GE	82

INTRODUÇÃO

Uma vez fomos vikings brutais. Agora somos uma das sociedades mais pacíficas do mundo. Bem-vindo à Dinamarca.

(Site do governo dinamarquês)¹.

Não importa se consciente, passivo ou mergulhado na franca alienação, o oprimido traz uma disponibilidade para a revolta, mesmo que subterrânea.

(Ismail Xavier, 2007).

O filme *Filhos da Dinamarca*, cujo roteiro e direção é do cineasta dinamarquês com ascendência iraquiana Ulaa Salim, foi lançado em 2019 na Dinamarca. Sua narrativa acontece no ano de 2025, um ano após um ataque à bomba em uma estação de metrô dinamarquesa. Em frente ao memorial das vítimas, Martin Nordahl, político de um partido de extrema-direita inicia sua campanha contra os imigrantes que vivem no país, principalmente aqueles que professam a fé islâmica. O objetivo dele é que seu partido vença as eleições para o parlamento e, consequentemente, lidere o país contra a imigração. Nas palavras do próprio Nordahl: “Todos os problemas são culpa dos imigrantes, eles precisam sair. Ninguém ousou dizer isso, mas nós sim, e defendemos isso”.

As palavras xenófobas de Nordahl sustentam a prática violenta do grupo Filhos da Dinamarca que pratica atos de violência contra os imigrantes. Por outro lado, há uma reação organizada de alguns imigrantes que, sob a liderança de Hassan, atacam a sede da organização extremista e planejam o assassinato de Nordahl. Assim o filme já apresenta os dois grupos em lados opostos, mas que atuam por meio da violência, e com lideranças que não pensam em diálogo ou algo pacífico, o único horizonte é do conflito.

Dois personagens são fundamentais no enredo, Zakaria e Ali. Jovem que vive com seu irmão e sua mãe, Zakaria passa aos poucos a ser convencido por Hassan que algo precisa ser feito contra a xenofobia da qual sofre a comunidade imigrante. Já Ali participa ativamente do grupo de Hassan e recebe a incumbência de treinar o jovem para executar Nordahl.

Ao mesmo tempo, Nordahl amplia seus discursos xenófobos e recebe cada vez mais apoio para as eleições. Além disso, o aprofundamento da violência também ganha mais espaço, principalmente por parte do grupo Filhos da Dinamarca.

¹ Disponível em: <https://denmark.dk>. Acesso em: 11 fev. 2024.

Durante o processo que leva Zakaria a matar Nordahl, acontece uma espécie de treinamento em um lugar afastado. Lá Malik ensina ao jovem como atirar. E, ao final, recebem Hassan com o plano de como matar o político.

O plano para executar Nordahl não funciona, a polícia chega no exato momento e prende Zakaria. Logo em seguida, Ali aparece dando depoimento para a polícia e, assim, é revelado que ele era um agente infiltrado (e na verdade se chama Malik) no grupo de Hassan e que ajudou na prisão de Zakaria.

O agora policial Malik passa, então, a se perceber como um imigrante no país, ele se sente perseguido e a casa onde vive sua família é alvo de vandalismo. Talvez ele já não consiga delimitar sua identidade pois não se sente confortável naquela sociedade.

Nordahl, então, amplia o espaço de seu discurso e seu partido termina as eleições como grande vitorioso nas urnas². No mesmo dia em que é anunciada a vitória do partido de Nordahl, Malik descobre que a organização Filhos da Dinamarca planeja ataques mais violentos contra os imigrantes, e que o político já havia participado do grupo extremista. Ele e seu chefe policial tentam impedir que este ataque aconteça pedindo a Nordahl que amenize seu discurso da vitória, mas saem frustrados. Malik principalmente porque Nordahl deve a vida a ele.

No retorno para casa, Malik encontra diversos carros de polícia e de resgate em frente de sua casa. Sua esposa foi atacada com ácido e seu filho morto pelos extremistas. Tomada pela ira, Malik, então, se dirige para o local onde está acontecendo a festa da vitória do partido Nordahl.

O final culmina com Malik vendo o político radicalizando em seu discurso contra os imigrantes. Ele, então, entra no palco e atira contra Nordahl, na sequência é derrubado no chão e preso. Ele finaliza o plano que foi elaborado para Zakaria, mas que foi impedido por ele próprio. Malik, agora, provavelmente, encontrará o jovem na prisão.

Minhas vivências

Quando assisti *Filhos da Dinamarca*³ pela primeira vez fiquei muito incomodado com a temática apresentada, ou seja, práticas xenofóbicas de um grupo que se assemelha a

² Segundo o site oficial do governo dinamarquês, na Dinamarca, a política é sobre consenso. Há representantes de 16 partidos no parlamento dinamarquês e, desde 1909, nenhum partido teve representantes suficientes para governar inteiramente por conta própria. Em vez disso, vários partidos montaram uma coalizão governante.

³ Apesar de ter sido exibido no Brasil por meio da 43ª edição da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, o filme de Ulaa Salim teve pouco impacto na crítica brasileira. Posteriormente chegou ao circuito de streaming por meio da plataforma Prime Vídeo, onde continua disponível. Portanto, trata-se de um filme pouco percebido pelo público brasileiro que provavelmente tem mais conhecimento do cinema dinamarquês por conta das obras de Lars Von Trier e Thomas Vinterberg, dois cineastas reconhecidos mundialmente.

neonazistas. As cenas nas quais aparecem imigrantes/refugiados em situações precárias de moradia me lembravam conversas que já tive com pessoas que passam situações de preconceito e discriminação no Brasil.

Tive contato com pessoas em situação de refúgio⁴ que relataram suas enormes dificuldades em ter condições dignas de vida, já que há diversos problemas como a adaptação a uma nova cultura, a dificuldade com a língua, os preconceitos enfrentados no cotidiano, além da demora nos processos burocráticos para conseguir a regularização para viver no Brasil. Soma-se a estas questões o fato deles enfrentarem a falta de renda, alimentação e saúde. Isso sem contar nos constrangimentos de serem confundidos com pessoas que cometeram crimes em seus países e vieram para o Brasil para serem foragidos, quando na verdade fogem porque temem pela própria vida já que seus países não conseguem garantir sua sobrevivência. O direito de migrar não deveria se confundir com um crime.

Neste aspecto, concordamos com o sociólogo Stuart Hall (2003, p. 45) quando afirma que

Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo.

No meu imaginário e, provavelmente de muitas pessoas que não vivem na Dinamarca, o país nórdico em questão deveria ser uma espécie de oásis para aqueles que para lá migram por razões humanitárias. Isso porque a sociedade dinamarquesa é reconhecida por um bem-estar social com elevados índices de vida e baixa desigualdade de renda. Portanto, meu incômodo se justificava, já que ingenuamente eu tinha a ideia de que um país como modo de vida tão satisfatório para seus cidadãos, poderia também oferecer uma vida com qualidade para aqueles que necessitam de refúgio.

Desde então iniciei as pesquisas para compreender o que se passava (ou ainda se passa) com os refugiados/imigrantes que viviam na Dinamarca. O filme de Ulaa Salim me trouxe diversos questionamentos, então procurei compreender, por meio de diversas fontes, se havia mesmo problemas não resolvidos pela sociedade dinamarquesa no que se refere aos imigrantes.

⁴Segundo a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), “As pessoas refugiadas estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política. Também é considerado refugiado quem foi forçado a deixar seu país devido a conflitos armados, violência generalizada e graves violações dos direitos humanos” (ONU, 2019). Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/02/CARTILHA-ACNUR2019.pdf> Acesso em: 16 ago. 2024.

A primeira etapa deste processo de encontrar possíveis diálogos do filme de Salim com o que se passa na Dinamarca trouxe a necessidade de pesquisar textos de críticos de cinema sobre a obra. Encontrei a Revista EKKO⁵, especializada em críticas cinematográficas com textos interessantes sobre o filme.

Paralelamente, realizei pesquisas na mídia internacional e dinamarquesa sobre possíveis conflitos com imigrantes/refugiados que têm a Dinamarca como destino. Descobri diversas notícias em vários jornais europeus sobre esta questão, e que a xenofobia havia se tornado um tema debatido em boa parte da Europa, e mais especificamente nos países nórdicos⁶. Portanto, era importante contextualizar historicamente este debate.

Outro caminho adotado durante este processo era compreender melhor quem é Ulaa Salim, qual sua biografia e como se colocou em entrevistas sobre *Filhos da Dinamarca*. Sua obra discute diretamente com a sociedade e classe política dinamarquesa, portanto, os possíveis ecos entre eles também faziam parte das minhas estratégias na pesquisa.

Passei, então, a ter contato com autores e autoras que pudessem contribuir para entender melhor como o filme posiciona suas questões primordiais, além dos próprios conceitos evocados pela trama da narrativa. Ao longo deste caminho, adentrei em aspectos que não faziam parte do meu projeto inicial até porque eu não as entendia como significativas para a compressão do filme. Meu interesse se limitava na história contada, nas representações dos personagens e no que poderiam representar para a realidade dinamarquesa.

A partir de então, ao rever o filme algumas vezes, entendi que as cores utilizadas na *Mise em scène* de Salim, além da música que é reproduzida por três vezes durante a história, tudo isso compunha o filme em sua totalidade e impunha ainda mais sentido a ele. Posteriormente pude compreender que estes elementos, somados a outros, faziam parte daquilo que se denomina como melodrama.

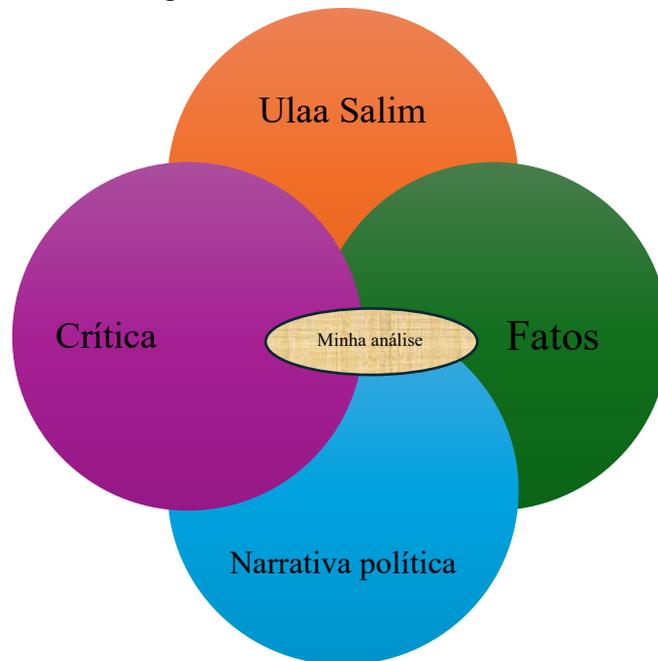
Por fim, apresento dois diagramas, o primeiro constava no texto elaborado para a etapa da qualificação. Naquele momento, a minha análise era o centro do diagrama e os temas

⁵ Além da revista impressa, a EKKO possui um site abastecido com textos e críticas sobre cinema tanto dinamarquês como de outros países. Seu site tem uma média de 140.000 usuários por mês. Além disso, seu público é composto por estudantes; formadores de opinião dentro da indústria cultural; membros da indústria cinematográfica dinamarquesa; pessoas que estão na vanguarda das novas tendências da vida cultural e que têm a perspectiva de que filmes são mais do que entretenimento rápido; professores que usam a revista em suas aulas de cinema na escola (EKKO Filmmagasinet). Disponível em: Acesso em nov. 2022). Além do que diz a própria revista sobre si, também consegui informações com uma professora dinamarquesa da área de cinema que afirmou a importância da Revista EKKO no contexto de crítica cinematográfica.

⁶ Já no final desta pesquisa encontrei algumas respostas para o aumento da xenofobia e da extrema-direita nos países nórdicos na obra de Benjamin R. Teitelbaum, que pesquisou este tema e suas vinculações com a música e as raízes vikings daquela região. Como é um tema muito amplo e complexo não entrarei neste aspecto que mereceria uma outra pesquisa já que amplia o foco da questão para mais países e não somente a Dinamarca.

giravam e se entrecruzavam em torno dela. Por sugestão da banca examinadora, modifiquei a forma de pensar este trabalho, o que culminou em novo diagrama agora com o filme em seu centro.

Diagrama 1 – centralidade na análise



Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Diagrama 2 – centralidade no filme



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Percebe-se que no segundo diagrama há mais elementos e todos eles orbitam ao redor do filme, já que este é a figura central do trabalho e que suscitou todos os temas e inquietações debatidos neste trabalho. Assim como apontou Marc Ferro (1992, p. 86-87) em sua obra *Cinema e História*, diz ele que devemos

Partir da imagem, das imagens. Não buscar nelas somente ilustração, confirmação ou desmentido do outro saber que é o da tradição escrita. Considerar as imagens como tais, com o risco de apelar para outros saberes para melhor compreendê-las. [...] O filme, aqui, não está sendo considerado do ponto de vista semiológico. Também não se trata de estética ou de história do cinema. Ele está sendo observado não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas. Ele não vale somente por aquilo que testemunha, mas também pela abordagem sócio-histórica que autoriza.

Deste modo, creio ser importante objetivar estas ideias em um diagrama pois ele ilustra um modo de pensar, uma espécie de mapa mental. E imagino que facilite o entendimento metodológico deste trabalho ao leitor.

Sobre os temas e os conceitos

Uma vez que o filme de Ulaa Salim posiciona a Dinamarca sob uma perspectiva distante daquele senso comum de que seria um país com boa oferta de qualidade de vida para os imigrantes de origem árabe, suas problemáticas mais evidentes são: o nacionalismo que se combina com o extremismo de direita, o tema da identidade, o racismo e, por fim, a questão da xenofobia.

Sobre o nacionalismo, o personagem que simboliza este tema é o líder Martin Nordahl. Suas falas e seus discursos, conforme veremos neste trabalho, não passam por nenhum constrangimento em serem verbalizadas e conseguem conquistar os votos necessários para que seu partido vença as eleições e assim lidere o parlamento.

Por outro lado, temos o personagem Hassan que lidera os imigrantes perseguidos por ataques xenófobos e constrói um caminho de revide contra os extremistas de direita e o político Nordahl. Pois para Hassan não há possibilidade de conciliação, a resposta é a violência. Aliás, é o mesmo caminho adotado por Nordahl e os extremistas.

Com relação ao tema da identidade, Malik é o personagem que melhor exemplifica esta questão. Justamente porque ele contribuiu com a polícia dinamarquesa sendo um informante dentro do grupo de Hassan e frustrando o plano contra Nordahl. O político, ao agradecer-lo por ter salvado sua vida, diz: “Você não é como eles”. O que Nordahl quer dizer é que sabe que ele é imigrante, mas por ter ajudado a salvar sua vida, não é como aqueles que merecem ser

expulsos do país. Portanto, Nordahl o coloca em lugar com identidade que não é dinamarquesa, nem árabe. Qual seria então a identidade de Malik vista pelos dinamarqueses? Quando sua família é alvo de xenofobia e violência, a resposta é que ele é visto como imigrante. Neste contexto, podemos dizer que o próprio Ulaa Salim questiona sua identidade por meio do filme, sendo filho de iraquianos ele poderia ser um filho da Dinamarca?

Os conceitos explicitados aqui possuem amplo espectro de discussão e continuam sendo debatidos por diversos autores. Por isso, tive que fazer algumas escolhas para debatê-los na forma como o filme os expressa. Sobre identidade, busquei as proposições elaboradas pelo filósofo brasileiro Vladimir Safatle, o qual tem refletido tal conceito por meio de sua mais recente obra, publicada em 2024, intitulada *Alfabeto das colisões*. Sobre o conceito identidade, Safatle faz diversas considerações na obra, afirma ele:

É certo que a noção de ‘identidade’ conseguiu colocar-se no centro dos embates políticos de nossa época. Ela trouxe problemas e sensibilidades com as quais precisaremos lidar no interior das lutas sociais contemporâneas por reconhecimento. Para ela, convergem questões práticas e teóricas complexas que concernem às integralidades dos sujeitos, pois tocam a gramática social naquilo que ela tem de mais estruturador: suas dinâmicas de relação, de pertencimento e unidade.

Com relação ao debate sobre nacionalismo, apresentamos as ideias do etnógrafo estadunidense Benjamin Teitelbaum que faz reflexões sobre o nacionalismo dos países nórdicos expressos por meio da música. Sua obra *Lions of the North: sounds of the new nordic radical nationalism* apresenta um panorama sobre como os discursos da extrema-direita, mais especificamente dos países nórdicos têm representações na música e em bandas musicais destes países. Outro autor contributo deste conceito em nosso trabalho é o historiador Benedict Anderson que, em sua renomada obra *Comunidades Imaginadas*, discute de modo amplo sobre como o sentimento do nacionalismo foi imaginado e construído de modo geral.

Já sobre o termo xenofobia, tema explícito no filme principalmente pelas falas do personagem Martin Nordahl que tem um coletânea de frases neste sentido, procuramos tentar compreender qual o contexto desta palavra na língua dinamarquesa. Já que este trabalho tem o cinema e a sociedade dinamarquesa como objetos de análise, faz sentido apresentarmos a perspectiva de xenofobia⁷ por alguém que analise tal questão na própria Dinamarca. A partir disso, pesquisamos a definição de xenofobia na língua dinamarquesa, o qual é expresso por

⁷ Para o ACNUR, xenofobia pode ser definida como “Atitudes, preconceitos e comportamentos que rejeitam, excluem e frequentemente difamam pessoas, com base na percepção de que eles são estranhos ou estrangeiros à comunidade, sociedade ou identidade nacional” (ONU, 2019).

fremmedhad, e encontramos as seguintes palavras: “ódio dirigido a estrangeiros ou pessoas de uma cultura estrangeira”⁸. Portanto, temos uma definição mais objetiva com a inclusão da palavra “ódio” que coloca esse processo como algo ligado também aos afetos, mais complexo do que simplesmente aversão ao estrangeiro.

Importante apresentar duas contribuições para este trabalho que também merecem destaque, no caso o artigo intitulado “Terror melodrama, race and the nation: Ulaa Salim’s Sons of Denmark”, escrito pela pesquisadora Amanda Doxtarter⁹ e com o qual dialogo em diversos momentos neste trabalho.

Outro autor que contribui para reflexões neste trabalho é o professor Ismail Xavier, um importante pesquisador e teórico brasileiro sobre o Audiovisual. Sua obra *O Olhar e a cena* apresenta discussões sobre o melodrama que contribuem para ampliar nossa reflexão sobre o filme de Salim.

Um melodrama necessário

Racismo e xenofobia, ambos parecem integrar de modo mais intenso a vida política e social de alguns países europeus nesta segunda década do século XX, e acabaram por estar mais evidenciados por meio da mídia. Além disso, tornou-se comum vermos cenas de botes com muitos refugiados tentando atravessar o Mar Mediterrâneo rumo ao continente Europeu, o que gerou movimentos que pediram o fechamento das fronteiras, isso sem falar nos milhares de sírios e sírias que tiveram que fugir da guerra iniciada em 2011. Também podemos mencionar a retomada do poder no Afeganistão em 2021, e que produziu a fuga de diversas pessoas ao redor do mundo, inclusive para o Brasil¹⁰. E, mais recentemente, a invasão russa no território ucraniano que também forçou a saída de diversas pessoas com o objetivo de escapar da guerra.

Portanto, estamos tratando de um tema emergente e contemporâneo que tende a aumentar cada vez mais, visto que as migrações forçadas por guerras e por outros motivos, como as questões climáticas, não devem diminuir por enquanto¹¹.

⁸ Disponível em: <https://sproget.dk/lookup?SearchableText=fremmedhad>. Acesso em: 17 ago. 2024.

⁹ Professora Assistente do Departamento de Estudos Escandinavos da Universidade de Washington (EUA). Aliás, agradeço a Amanda Doxtarter por ela ter compartilhado seu artigo comigo ainda no início desta pesquisa.

¹⁰ Segundo a OBMigra, “11.086 afegãos entraram no Brasil entre setembro de 2021 e fevereiro de 2024”. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2024-mai-13/oab-sp-promove-debate-sobre-acolhida-humanitaria-de-afegaos-no-brasil/>. Acesso em: 17 ago. 2024

¹¹ Segundo o ACNUR, “A crise climática está ampliando o deslocamento e tornando a vida mais difícil para aqueles que já foram forçados a se deslocar. A mudança climática e o deslocamento estão cada vez mais interligados. À medida que eventos climáticos extremos e condições ambientais pioram com o aquecimento global, eles contribuem para múltiplas e sobrepostas crises, ameaçando os direitos humanos, aumentando a pobreza e a perda de meios de subsistência, tensionando as relações pacíficas entre comunidades e, em última análise, criando condições para mais deslocamentos forçados”. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/temas-especificos/mudancas-climaticas/>. Acesso em: 21 ago. 2024.

Um filme como o de Ulaa Salim, definido por Doxtarter como um “melodrama de terror”, torna-se necessário visto que promove indagações sobre a imigração, já que se tornou um tema global, mas principalmente no cenário europeu onde os discursos anti-imigração ganharam espaço em diversos países no continente. Doxtarter (2022, p. 48) explica que usa a expressão “melodrama de terror” pois

Os atos específicos de terrorismo e retórica da nação ferida em *Sons of Denmark* refletem o discurso nos Estados Unidos após o 11 de setembro, colocando-o em conversa com o melodrama de Hollywood. Recruto brevemente o drama terrorista de 11 de setembro de Oliver Stone, *World Trade Center* (Stone 2006), como ponto de comparação a esse respeito.

Ademais, o modo como a obra apresenta o tema permite compreender como o cinema pode tensionar os debates contemporâneos, o que também pode ser verificado pelas críticas escritas sobre o filme (ver Anexos).

Nesta perspectiva, a dissertação foi estruturada conforme segue. O primeiro capítulo apresenta um resumo sobre o filme, suas principais temáticas e a caracterização como melodrama. Além disso, uma contextualização sobre o diretor Ulaa Salim e como ele, de certa forma, pertence a um universo de cineastas filhos de imigrantes que produzem histórias sobre imigrantes e o tema da identidade cultural. O capítulo ainda discute como o filme dialoga com alguns dados da política dinamarquesa atual sobre imigração.

Já o capítulo 2, trata dos aspectos do melodrama e da alegoria no filme, e sobre personagens que se configuram como antíteses no enredo. Também discute o lugar que as poucas mulheres ocupam na história. Outras duas questões são a música *La Crimosa*, a peça de Mozart compõe o percurso de alguns personagens, e a composição de cores que Salim utiliza em seus planos. Por último, uma reflexão sobre como a crítica especializada debateu o filme *Filhos da Dinamarca*.

Como elementos importantes para o leitor, os anexos deste trabalho são compostos por textos completos de críticos dinamarqueses sobre o filme objeto de nossa análise, além de artigos e matérias de jornais sobre os principais temas abordados aqui e que serviram como subsídio para a pesquisa.

1 DINAMARCA: ENTRE FICÇÕES E REALIDADES

Zakaria, personagem que tem sua trajetória muito explorada no filme, aparece correndo em um túnel (Figura 1) onde ele avista uma pichação com a expressão “Limpeza étnica, Dinamarca” (Figura 2). Logo em seguida, ele se depara com os seguintes dizeres feitos com sangue: “Voltem para casa, morram” (Figura 3), ao olhar para o chão se depara com duas cabeças de porcos jogadas (Figura 4).

O recado dado é prático e simbólico ao mesmo tempo, compara os imigrantes aos porcos. E cabe destacar que a carne de porco¹² é proibida de ser ingerida por aqueles que professam a fé islâmica. Mais adiante, o veredito é dado pelo personagem Hassan: “Começam com cabeça e sangue de porcos, depois seremos nós”.

Figura 1 – Zakaria correndo em um túnel



Fonte: Frame do filme.

Figura 2 – Pichação com os dizeres “Limpeza étnica, Dinamarca”



Fonte: Frame do filme.

¹² Em 2016, o conselho da cidade dinamarquesa de Randers, “aprovou a obrigatoriedade de escolas públicas servirem carne de porco, uma iniciativa defendida pelo PPD para manter a identidade dinamarquesa – uma vez que é um dos principais ingredientes da culinária no país. Mas que, por outro lado, foi apontada por alguns setores como uma política discriminatória contra povos muçulmanos. ‘O que seria esta ‘guerra da carne de porco’ senão uma maneira de servir desigualdade e discriminação sob o nome de diferença cultural e religiosa?’, questionam os pesquisadores da Universidade de Aalborg, Susi Meret e Peter Hervik, em artigo publicado no site Open Democracy”. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/03/piscinas-segregadas-confisco-de-bens-e-carne-de-porco-dinamarca-desafia-imagem-de-pais-tolerante-com-imigrantes.html>. Acesso em: 7 mar. 2024.

Figura 3 – Pichação com os dizeres “Voltem para casa, morram”



Fonte: Frame do filme.

Figura 4 – Cabeças de porcos no chão



Fonte: Frame do filme.

Filhos da Dinamarca já apresenta seus tensionamentos ao espectador logo em seu início, ou seja, um ato terrorista, um político verborrágico de extrema-direita e a xenofobia e sua decorrente violência contra imigrantes e refugiados que vivem na Dinamarca no ano de 2025.

A produção dinamarquesa carrega aspectos distópicos e melodramáticos, a história se passa em um futuro dinamarquês após um ataque terrorista ocorrido em uma estação de metrô do país. Em um cenário onde um grupo extremista, intitulado Filhos da Dinamarca, promove ataques xenofóbicos e violentos contra imigrantes e refugiados, e sendo estimulados por um fictício político de extrema-direita, chamado Martin Nordahl. Em contraponto, a história mostra a revolta de parte destas vítimas de xenofobia que planejam assassinar Nordahl sob a liderança de Hassan.

O filme de Salim é distópico porque há uma projeção futurística onde a sociedade dinamarquesa caminha para um aprofundamento da violência contra imigrantes e tem como pano de fundo um nacionalismo de cunho extremista crescente. Além disso, o desenvolvimento da narrativa demonstra que não há pacto social possível entre os dinamarqueses e os imigrantes. A violência parece ser a única forma de lidar com os conflitos advindos do cotidiano entre estes e a população nativa.

Sobre a obra ser melodramática¹³, encontramos em sua narrativa diversos elementos que expressam este gênero cinematográfico. Temos dois personagens que trilham caminhos que se cruzam, no caso Zakaria e Malik. Na primeira parte do filme o foco narrativo está centrado em Zakaria, pois é aquele que vai sendo envolvido por meio das conversas com Hassan, que tem como foco assassinar Martin Nordahl.

Hassan é uma figura masculina mais velha que discursa entre os imigrantes, aparece ajudando aqueles que não tem moradia, e exerce certa liderança entre os demais imigrantes. Ele e Malik organizam os detalhes para assassinar Nordahl que deverá ser executado por Zakaria. Porém, o plano não acontece como esperado já que Zakaria não encontra Nordahl em sua casa e a polícia chega no mesmo momento. Logo depois, descobrimos que Malik era um policial infiltrado que armou a cena do crime para que a polícia detivesse Zakaria, o que depois lhe rendeu um agradecimento do próprio Nordahl.

Neste momento, o foco narrativo muda para Malik que passa, pouco a pouco, a ter sua família sob ataques xenofóbicos. Aliás, a cabeça de porco que no início do filme foi endereçada aos imigrantes, surge novamente na frente da casa da família de Malik (Figura 5) e com os dizeres “Voltem para casa” (Figura 6) pichado na porta de sua casa.

Figura 5 – Cabeça de porco jogada no chão em frente à casa de Malik



Fonte: Frame do filme.

¹³ Sobre o melodrama, o professor português Luís Nogueira (2010, p. 26) define que este é um subgênero dramático onde a música, a fotografia, a narrativa, a cenografia, os atores e o cromatismo, são elementos integrados com uma intenção de comover o espectador. Além disso, o conflito e as paixões são levadas ao extremo, sendo seu último objetivo levar o público ao choro.

Figura 6 – Pichação na porta da casa de Malik



Fonte: Frame do filme.

E assim Malik, vai aos poucos, percebendo que, mesmo contribuindo com a polícia local, ele não pode ser um cidadão dinamarquês. Ele também é visto como um imigrante que não pode viver naquele país. A percepção de sua própria identidade é questionada, Malik talvez já não saiba a qual povo, nação ou cultura pertence. Portanto, Zakaria e Malik são vítimas que buscam algum tipo de redenção, estando vulneráveis à violência e aos discursos de ódio de ambos os lados.

Neste contexto, mesmo sendo uma projeção futurística, é possível encontrar semelhanças entre o filme de Salim e certos aspectos da realidade do país nórdico. Nota-se que Salim radicalizou as perspectivas em seu filme já que, como apontamos, é uma narrativa distópica. Mais adiante veremos que tais semelhanças foram, inclusive, debatidas pela crítica especializada. Uma delas, da já citada Amanda Doxtarter, aponta que a obra de Salim levanta, dentre outros temas, questões sobre “masculinidade, racismo sistêmico e inocência branca sobre a ascensão de décadas de partidos políticos de extrema-direita na Dinamarca” (Doxtarter, 2022, p. 47).

1.1 As séries dinamarquesas, Ulaa Salim e a contundência de sua geração

Há dois grandes expoentes do cinema dinamarquês contemporâneo, no caso os cineastas Lars von Trier e Thomas Vinterberg. Além de extensa e importante cinematografia, ambos participaram da criação do movimento cinematográfico Dogma 95¹⁴. Todavia, mais

¹⁴ Segundo o crítico Franthiesco Ballerini (2020), o movimento Dogma 95 tinha “A intenção era libertar o cinema da ‘tirania’ dos altos orçamentos, que ao final do século 20 tomou conta dos blockbusters de Hollywood e passou a impressão de que filme bom era filme caro e cheio de efeitos especiais. Ao contrário, diziam os dinamarqueses, o cinema precisava voltar a ser primitivo, menos industrial. A tecnologia, por sua vez, teria também um lado positivo: democratizaria o cinema, sobretudo com o advento das câmeras digitais, na virada do século. De modo geral, o Dogma queria negar a autoria individual do cinema, colocando-o como autoria coletiva, ao mesmo tempo que queriam resgatar o real por meio da negação de artifícios e métodos de ilusão. Eles negavam, portanto, a autoridade maior do diretor, dita pela Nouvelle Vague, e acenavam para o Neorealismo italiano. Os dinamarqueses pretenderam criar um movimento mundial, no qual qualquer cineasta poderia participar, desde que respeitasse os ‘dez mandamentos’, as tais regras criadas por eles: não construir nenhum cenário, filmar em locações

recentemente, há uma nova tendência de profusão do audiovisual dinamarquês pelo mundo por meio de diversas séries televisivas.

Segundo as pesquisadoras Pia M. Jensen e Ushma C. Jacobsen (2020, p. 7), organizadoras da publicação *The global audiences of danish television drama*, a partir de 2010 iniciou-se um processo “sem precedentes” de exportação de séries televisivas dramáticas dinamarquesas pelo mundo. O que contribuiu para fomentar o livro citado, o qual teve o intuito de compreender os motivos que levaram a este sucesso de audiência pelo mundo.

Ainda segundo elas, “a emissora pública dinamarquesa DR (*Danmarks Radio*) se tornaram uma verdadeira exportadora global de dramas audiovisuais televisivos” (Jensen; Jacobsen, 2020, p. 9). Somente em 2013, três séries (*The Killing; Borgen; The Bridge*) foram exportadas para 120 países

O trabalho das pesquisadoras oferece algumas respostas para este aumento do mercado das séries pelo mundo, mas um conjunto delas chama atenção: “autenticidade, realismo emocional e sensibilidade cosmopolita” (Jensen; Jacobsen, 2020, p. 16). Elas afirmam ainda que o “público se identifica fortemente com o que foi percebido como narrativas autênticas que retratam questões sociais e políticas reais e importantes” (Jensen; Jacobsen, 2020, p. 16).

E, neste sentido, é possível estabelecer uma conexão com o filme de Ulaa Salim já que seu longa-metragem *Filhos da Dinamarca* busca dialogar com algumas questões sociais e políticas emergentes na Dinamarca, mas que podem ser ampliadas para a Europa como um todo. Isto é, o aumento crescente da xenofobia e do racismo no continente europeu.

Especificamente sobre o cineasta Ulaa Salim cabe destacar que é nascido na Dinamarca, mas é filho de pais iraquianos. Antes de *Filhos da Dinamarca*, seu primeiro longa-metragem, dirigiu curtas-metragens¹⁵. Seu segundo longa-metragem foi lançado em 2024 sob o título de *For Evigt (Para Sempre)*.¹⁶

Os tensionamentos provocados pelas produções de Salim ficam mais explícitos quando observamos o manifesto de sua produtora Hyaenefilm que define as perspectivas de suas obras.

Na HyæneFilm, reunimos os maiores jovens talentos do cinema dinamarquês sob o mesmo teto, colocamos diretores lado a lado com produtores e produtores progressistas famintos, criando assim um coletivo que está pronto para comer o mundo! Acreditamos no filme de estreia único, em novas forças

reais, sem uso de acessórios, sem trilha musical que não seja som direto, câmera manual, sem trabalho de iluminação, nenhuma ‘ação superficial (tiroteios, perseguições), sem flashbacks, sem o nome do diretor nos créditos etc.”

¹⁵ Filmografia de Ulaa Salim: *Forever Young* (2012, curta); *My Brother* (2012, curta); *The Pure Heart* (2014, curta doc); *Our Fathers' Sons* (2015, curta); *Sons of Denmark* (2019); *Eternal* (2024).

¹⁶ *For Evigt (Eternal)* é um drama de ficção científica que trata de mudanças climáticas. Disponível em: <https://www.hyaenefilm.dk/film/for-evigt>. Acesso em: 7 mar. 2024.

e novas histórias. A empresa foi fundada pelo diretor e roteirista Ulaa Salim, pelo produtor Daniel Mühlendorff e pelos profissionais de negócios Flemming Falk Hansen e Keld Egelund. As ambições são demasiado grandes e os meios demasiado pequenos. Mas isso não nos impede! Queremos ser uma empresa líder no cinema dinamarquês, mas o nosso mundo é maior do que apenas Copenhague e a Dinamarca. De Bornholm ao Iraque, estamos prontos para contar novas boas histórias e queremos promover a noção do que o filme pode ser e do que custa. Para nós, o cerne do filme é alfa ômega. Não queremos apenas produzir conteúdo que entretenha. Deve haver algo em jogo, as histórias devem querer algo mais, deve haver algo real no coração e substância no cérebro. A estrutura e o formato não nos importam, nada mais é impossível. A missão é clara, devemos assumir o controle e só o tempo é nosso inimigo. Assim, temos sempre espaço para um novo talento com gosto pela grandeza (Hyaene Film)¹⁷.

Neste sentido, podemos questionar se o cinema de Salim seria um cinema nacional¹⁸, isto porque é possível situá-lo entre uma geração de cineastas que são filhos de imigrantes e produzem filmes que debatem o tema da imigração na Europa, principalmente no século XXI.

Sobre tal discussão, Lúcia Ramos Monteiro (2018, p. 155) aponta que

Se por um lado é inegável a importância dos critérios nacionais no que se refere à circulação e a representatividade dos filmes – festivais e premiações baseiam-se na lógica nacional, assim como os estudos cinematográficos de maneira geral –, por outro lado, produções recentes têm problematizado definições de identidade e território nacionais, levando a um questionamento do próprio conceito de cinema nacional.

Após anos de colonialismo destacado sobretudo no continente africano e em parte da Ásia, as populações das nações colonizadas ampliaram sua presença em alguns países europeus e requisitam seus status de cidadãos, e alguns cineastas participam deste processo como forma de questionar diversos aspectos.

Como exemplo desta geração, podemos citar Ladj Ly, cineasta nascido na França e filho de pais maleses que dirigiu o longa francês *Os Miseráveis*¹⁹. Além dele, podemos citar o cineasta alemão Fatih Akin, filho de imigrantes turcos que também dirige narrativas onde os conflitos entre os diversos têm destaque.

¹⁷ HYAENE FILM. **Manifest**. Disponível em <https://www.hyaenefilm.dk>. Acesso em: 7 mar. 2024.

¹⁸ Sobre esta discussão, a pesquisadora Lúcia Ramos Monteiro aponta que “Se por um lado é inegável a importância dos critérios nacionais no que se refere à circulação e a representatividade dos filmes – festivais e premiações baseiam-se na lógica nacional, assim como os estudos cinematográficos de maneira geral –, por outro lado, produções recentes têm problematizado definições de identidade e território nacionais, levando a um questionamento do próprio conceito de cinema nacional (Monteiro, 2018, p. 155).

¹⁹ Lançado em 2019, o longa-metragem aborda a complexidade entre os imigrantes que vivem em Paris. O título faz ainda referência à importante obra da literatura francesa escrita por Victor Hugo que, inclusive, já teve diversas adaptações audiovisuais.

Ainda sobre esta geração de cineastas, a professora Daniela Berghahn²⁰, em artigo sobre Fatih Akin, traz contribuições sobre esta questão. Ela lembra que o professor e cineasta iraniano Hamid Naficy, o qual discute sobre cinema pós-colonial em seus estudos, se utiliza da expressão “cinema de sotaque” e que esta pode ser compreendida “como uma resposta estética à experiência do deslocamento e da desterritorialização” (Berghahn, p. 145).

Já com relação a Ulaa Salim, algumas de suas entrevistas trazem à tona o que o diretor pensa sobre os conflitos entre os diversos na Europa. Por ocasião do lançamento de *Filhos da Dinamarca*, em 2019, ele disse o seguinte:

É tão claro que o que nos divide é também o que temos em comum. Não é cultural, religiosa ou socialmente determinado – é o fato de sermos humanos que querem preservar o seu direito à vida. Na hora da verdade, qualquer um faria qualquer coisa para sobreviver e proteger sua família. É o contrário do que ouço todos os dias (Det Danske Filminstitut, 2019)

Em outro trecho, ele detalha o modo como compreende o cinema neste contexto político de conflitos.

Não me importa qual seja sua filiação política. Não me importa qual seja sua origem ou gênero. O cinema transcende tudo isso – trata-se de emoção real através de uma experiência partilhada, independentemente das nossas diferenças (Det Danske Filminstitut, 2019).

E, por fim, Salim parece propor uma reflexão se ele seria poderia ser um filho da nação dinamarquesa, pois como filho de imigrantes podemos supor que ele talvez tenha passado por situações de xenofobia ou racismo na Dinamarca.

O filme (*Filhos da Dinamarca*) é muito mais sobre como somos todos filhos da sociedade. Podemos parecer diferentes, mas em última análise não somos tão diferentes (Det Danske Filminstitut, 2019).

1.2 Filhos da Dinamarca

“Começam com cabeça e sangue de porcos, depois seremos nós. Eles se chamam Filhos da Dinamarca. Para mim, são a sujeira da Dinamarca. Não podemos mais ficar em silêncio, temos o nosso valor. Hoje, eles precisam saber que nós existimos”.

²⁰ Professora de Estudos Cinematográficos do Departamento de Artes da Mídia da Royal Holloway, Universidade de Londres. Suas pesquisas abordam cinema transnacionais, migrante e diaspórico.

Com estas palavras de Hassan, o espectador descobre quem são os Filhos da Dinamarca. Ao mesmo tempo em que seus liderados invadem a sede destes extremistas, colocam fogo em carros e destroem a bandeira preta que tem características neonazistas.

O nome do grupo, que também dá nome ao filme²¹, tem relevância pois o termo “filhos” denota um significado mais afetivo, mas também de linhagem sanguínea ou descendência. No Dicionário Michaelis a palavra “filho” apresenta várias definições, mas a que nos interessa diz o seguinte: “Os descendentes de um povo ou de uma raça”²². Portanto, é a consanguinidade que determina os primeiros laços comuns onde depois se estabelecerão relações familiares, sociais, econômicas, culturais, políticas e delimitações geográficas.

Outro aspecto relevante neste título, conforme já apontado por Doxtarter (2022, p. 49) é que “não há filhas em *Filhos da Dinamarca*”. As construções de gênero também imprimem um universo amplamente masculino no enredo. Ainda segundo ela, as mulheres no filme de Salim “fornecem um pano de fundo para a série de masculinidades feridas e virulentas que são claramente o foco do filme” (Doxtarter, 2022, p. 49).

Outro aspecto sobre ser filho da Dinamarca, poderia ser atribuído aos personagens Malik e Zakaria, ou até mesmo ao diretor Ulaa Salim. Eles podem ser filhos da Dinamarca no sentido de filho da nação ou como cidadão pleno de direitos? Os outros dinamarqueses poderiam reconhecê-los como pessoas iguais em direitos?

Vamos descobrir ao final do filme que as respostas para tais perguntas são todas negativas. Eles não pertencem àquele território, nem àquela nação. Por isso mesmo o nacionalismo explicitado no filme é expresso em violência, racismo e xenofobia.

Sobre o que seria uma nação, o historiador Benedict Anderson faz, em seu livro *Comunidades Imaginadas*, uma proposição mais alinhada ao campo antropológico, propõe ele o seguinte:

uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana. Ela é imaginada porque os membros das mais minúsculas nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora tenham todos em mente a imagem viva da comunhão entre eles (Anderson, 2008, p. 32).

²¹ O título do filme teve traduções fidedignas tanto para o inglês, como para o português. Originalmente em dinamarquês é *Danmarks Sønner*, já na língua inglesa é *Sons of Denmark* e, no português, *Filhos da Dinamarca*.

²² MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/filho/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

A seguir, um dos cartazes do filme (Figura 7) nos coloca a mesma questão por meio de sua imagem. Os dois personagens (Malik e Zakaria) com vínculos com a cultura árabe estão sobre a bandeira da Dinamarca que, inclusive, está esmaecida. E, ao fundo, ainda temos a torre do Palácio de Christianborg, prédio que abriga o parlamento dinamarquês, o escritório do primeiro-ministro e a suprema corte da Dinamarca²³.

Figura 7 – Cartaz digital de divulgação do filme *Filhos da Dinamarca*



Fonte: Google imagens.

Portanto, o cartaz é uma grande pergunta ao povo dinamarquês: Quem pode ser seu filho? O fato é que há povos de países com cultura árabe vivendo na Dinamarca, eles podem ser filhos desta nação? Podem participar da vida política e social do país ou deverão ficar submetidos em seus guetos?

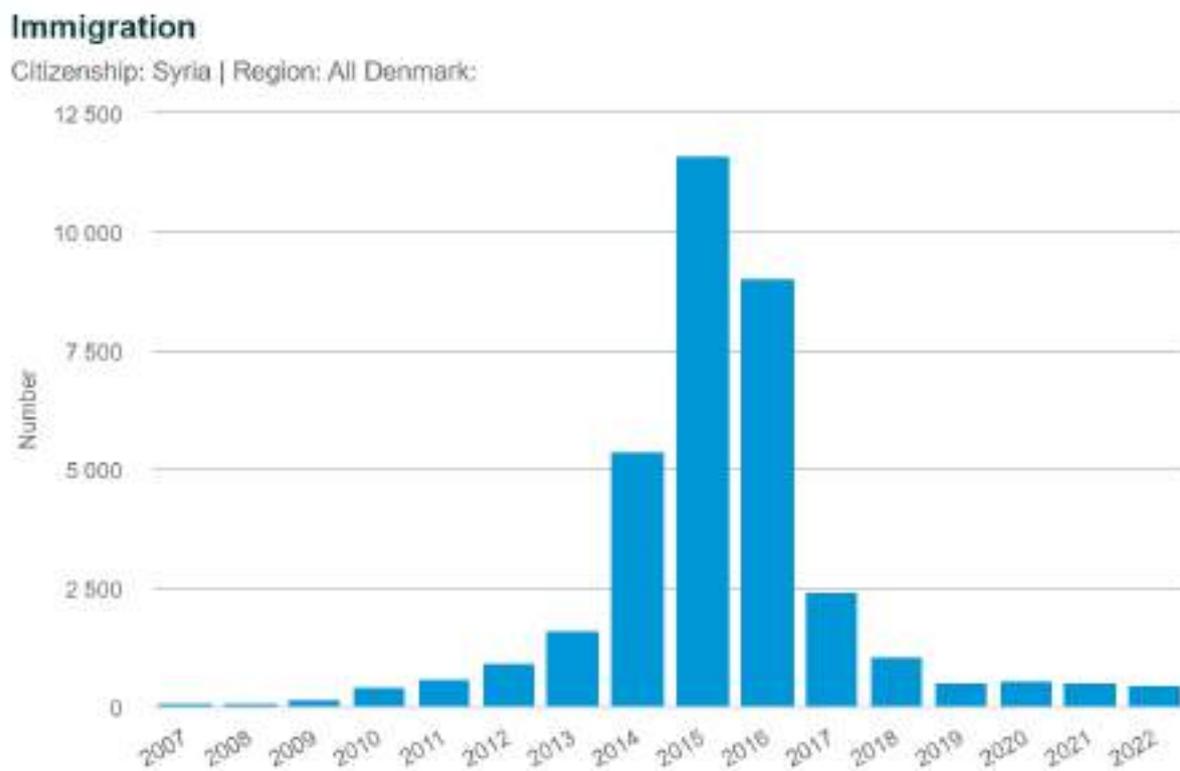
Tais questões permeiam todo o filme, aliás é como se o próprio diretor, Ulaa Salim, perguntasse aos dinamarqueses se ele pode ser um filho desta nação.

Neste contexto, apresentamos alguns dados sobre imigração que ajudam a entender alguns aspectos. A seguir, um gráfico com dados oficiais do governo dinamarquês que apresenta os números da população síria²⁴ que migrou para a Dinamarca no período entre 2005 e 2022.

²³ Cf. Disponível em: <https://www.kongehuset.dk/en/palaces-and-the-royal-yacht/christiansborg-palace/#> Acesso em: 16 ago. 2024.

²⁴ Vale destacar que a Síria passa por uma Guerra Civil desde 2011 e já produziu, segundo o ACNUR, mais de 13,5 milhões de refugiados. Cf. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/siria/>. Acesso em: 25 nov. 2023.

Gráfico 1 – Número de sírios que migraram para a Dinamarca entre 2007 e 2022.



Fonte: Danmarks Statistik²⁵.

O gráfico apresenta uma quantidade significativa de população síria migrante para a Dinamarca, principalmente se considerarmos o tamanho de seu território²⁶ e da população do país²⁷.

Mas retomemos a reflexão sobre o filme que apresenta os Filhos da Dinamarca como um grupo de extrema-direita que ostenta símbolos que remetem a outros grupos neonazistas, bem como seus discursos e práticas também expressam tal ideologia. São, portanto, indivíduos que provavelmente carregam laços consanguíneos com seus antepassados, ou seja, são descendentes do povo dinamarquês.

A imagem a seguir (Figura 8) mostra um destes símbolos, uma bandeira com o nome do grupo hasteada ao lado de duas bandeiras da Dinamarca. O personagem Zakaria entra na sede do grupo e arranca da parede a bandeira negra do grupo. Podemos observar nela um desenho que remete a uma árvore, o que denota uma ancestralidade ou uma espécie de genealogia, além de machados que remetem a um longínquo passado viking. Ou seja, uma demonstração de que os Filhos da Dinamarca fazem parte dessa ancestralidade e possuem laços consanguíneos.

²⁵ Cf. Disponível em: <https://www.dst.dk/da>. Acesso em: 16 ago. 2024.

²⁶ O território dinamarquês tem 42.952 km². Cf. Disponível em: <https://denmark.dk/quick-facts>.

²⁷ Atualmente vivem 5.959.454 pessoas na Dinamarca. Cf. Disponível em: <https://denmark.dk/quick-facts>.

Figura 8 – Bandeiras da Dinamarca e do grupo Filhos da Dinamarca



Fonte: Frame do filme.

Sobre estes símbolos, Benedict Anderson nos oferece uma reflexão sobre as relações entre nacionalismo e racismo. Diz o historiador,

Mas é de se duvidar que a transformação social ou as consciências transformadas, por si mesmas, consigam explicar o apego que os povos sentem pelas invenções de suas imaginações – ou, para retomar uma questão levantada no começo do livro, o porquê de as pessoas se disporem a morrer por tais invenções. Numa época em que é tão comum que intelectuais cosmopolitas e progressistas (sobretudo na Europa?) insistam no caráter quase patológico do nacionalismo, nas suas raízes enclavadas no medo e no ódio ao outro e nas suas afinidades com o racismo, cabe lembrar que as nações inspiram amor, e amiúde um amor de profundo autossacrifício (Anderson, 2008, p. 199).

Já O etnógrafo Benjamin R. Teitelbaum discute o nacionalismo em seu estudo etnográfico intitulado *Lions of the North: sounds of the new nordic radical nationalism* no qual apresenta um panorama sobre as relações entre música e o nacionalismo radical nos países nórdicos. Segundo ele, “O nacionalismo nos países nórdicos hoje não é apenas uma ideologia; também engloba uma identidade social e cultural” (Teitelbaum, 2017). Além disso, ele também trata sobre a apropriação (ou talvez um passado imaginário para ficarmos nos termos de Benedict Anderson) que os países nórdicos fizeram sobre os povos vikings especificamente na música, como o “rock viking”.

Neste contexto, ressaltamos as relações entre símbolos, cores e práticas que indagam quem pode ser filho da Dinamarca? Ou a quem este país pertence? Quem pode participar daquela comunidade? São questões que o filme evoca aos próprios dinamarqueses já que, segundo dados do próprio governo, vivem na Dinamarca, atualmente, em torno de 270.000 muçulmanos, além de mais de 100 mesquitas distribuídas pelo país.

1.3 Refugiados e imigrantes tratados como gado

O percurso que Zakaria faz até culminar em sua prisão é carregado de momentos em que ele tem contato com uma realidade mais difícil do que a de sua família. Aliás, Hassan tenta explorar essa questão dando a entender que a família de Zakaria seria privilegiada e que, por tal motivo, ele deveria ajudar aqueles que mais necessitam. Mas esta ajuda significa se sacrificar por eles, ou seja, matar Martin Nordahl.

Hassan leva Zakaria em uma espécie de cortiço onde vários imigrantes estão amontoados, consta histórias sobre de alguns deles, como chegaram lá, pessoas que perderam. Um pouco mais adiante, duas frases de Hassan que ilustram a cena: “Famílias que vivem aqui há 20 anos tratadas como gado. Só vemos mais e mais racismo”.

Tal contexto permite refletir sobre como Ulaa Salim problematiza questões da sociedade dinamarquesa. Em nosso imaginário, o Estado de bem-estar social dinamarquês deveria permitir uma vida digna para seus cidadãos, inclusive aos imigrantes e refugiados²⁸. Todavia, há notadamente uma série de fatos veiculados pela mídia (ver Anexos) do país e internacional que questionam esta imagem de país acolhedor nesta segunda década do século XXI.

1.3.1 Mudanças nos rumos

Quando a família de Malik é atacada, ele deixa de ser um “convertido” que é o termo utilizado por Martin Nordahl para se referir aqueles que, de certa forma, conseguiram algum tipo de integração na sociedade dinamarquesa. Malik passou de salvador da vida de Nordahl à vítima de xenofobia, racismo e violência. Aliás, cabe destacar que o próprio Nordahl disse, por ocasião do agradecimento por ter lhe salvo a vida, que Malik era “diferente deles”, ou seja, diferente dos outros imigrantes. Completa-se, então, um ciclo no qual ele volta a ser um imigrante e que deve ser expulso do país.

Neste contexto, é importante salientar que mudanças também ocorreram na forma de acolhimento de imigrantes e refugiados na Dinamarca. Em artigo sobre este tema, a presidente da Refugees Welcome International²⁹, Michala Clante Bendixen, o que teria acontecido com a Dinamarca. A seguir, reproduzo seu artigo:

A Dinamarca foi para a extrema-direita em relação aos refugiados

O que aconteceu com a Dinamarca? Outrora conhecida como uma sociedade liberal, tolerante e de espírito aberto, com respeito pelos direitos humanos e

²⁸ Segundo o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), a Dinamarca foi a primeira a ratificar o Estatuto dos Refugiados em 1952. O que demonstra que o país tem um longo compromisso com aqueles que necessitam de refúgio.

²⁹ Organização que ajuda refugiados a encontrarem alojamentos privados em todo o mundo, além de combater a discriminação e o preconceito.

um Estado social forte e humano, tornámo-nos agora o primeiro país da Europa a revogar autorizações de residência para refugiados sírios.

Na semana passada, as autoridades dinamarquesas determinaram que a situação de segurança em torno de Damasco melhorou, apesar das evidências de péssimas condições de vida e da perseguição contínua por parte do regime de Bashar al-Assad. Como resultado, privaram 94 refugiados do direito de permanecer no país. Outra proposta recentemente introduzida transferiria todos os requerentes de asilo para fora da Dinamarca.

Em outras palavras, a Dinamarca – o primeiro país a assinar a Convenção das Nações Unidas sobre Refugiados em 1951 – adotou agora uma política de asilo que é menos parecida com a dos seus vizinhos escandinavos do que com a de países nacionalistas como a Áustria ou a Hungria.

Felizmente, ninguém será enviado de volta à Síria tão cedo. Ao abrigo do novo sistema, os refugiados têm de ter vivido na Dinamarca durante pelo menos 10 anos para que a sua ligação ao país seja considerada suficientemente forte para continuar a residir, independentemente do esforço que tenham trabalhado ou estudado. No entanto, atualmente é impossível deportar alguém de volta para a Síria – a Dinamarca não negociará com Assad – e muito poucos sírios estão dispostos a regressar voluntariamente. Assim, aqueles que perderem as suas autorizações de residência acabarão provavelmente em campos dinamarqueses à espera de deportação ou em outros países europeus.

Mas permanece o fato de que a Dinamarca está aprovando leis com objetivos obviamente discriminatórios, com políticos tanto da esquerda como da direita discursando sobre minorias étnicas e de muçulmanos em termos que seriam inimagináveis nos países vizinhos. Na verdade, se esta lei tivesse sido promovida por um governo de extrema-direita, talvez não tivesse sido surpreendente. Mas a Dinamarca é atualmente governada por uma coligação de esquerda liderada pelos sociais-democratas. O que, de fato, aconteceu com nosso país?

A resposta reside num cabo de guerra entre os sociais-democratas e o Partido Popular Dinamarquês, de extrema-direita. Embora o Partido Popular Dinamarquês nunca tenha feito parte de um governo, os seus representantes passaram as últimas duas décadas a utilizar os seus mandatos para um único objetivo: só votam projetos de lei relativos a outras questões se, em troca, obtiverem restrições a estrangeiros. Passo a passo, o Partido Popular Dinamarquês arrastou todos os outros partidos na sua direção – nenhum mais do que os sociais-democratas, com quem compete pelos eleitores da classe trabalhadora.

Em 2001, um governo de direita impôs as primeiras restrições radicais para refugiados e estrangeiros. E embora os sociais-democratas se tenham oposto inicialmente, rapidamente mudaram a sua estratégia para se defenderem do desafio do Partido Popular Dinamarquês. No início, nem todos os sociais-democratas concordaram com a nova política de linha dura, mas o partido gradualmente passou a adotá-la, juntamente com a grande maioria dos seus eleitores. Hoje, o Partido Popular Dinamarquês tornou-se quase redundante. As suas políticas, outrora denunciadas como racistas e extremistas, tornaram-se agora dominantes.

Há dois anos, o governo aprovou legislação que inverteu o conceito de proteção dos refugiados: substituiu os esforços de integração a longo prazo e de direitos iguais por estadias temporárias, direitos limitados e enfoque na deportação o mais rapidamente possível. Paradoxalmente, isto ocorreu numa altura em que a Dinamarca recebeu o menor número de refugiados em 30 anos e a integração estava a decorrer melhor do que nunca em termos de emprego, educação e competências linguísticas.

Entretanto, o Conselho Dinamarquês de Recursos para os Refugiados foi destituído dos seus peritos e reduzido a apenas três membros, incluindo um funcionário do Ministério da Imigração, tornando-o assim não tão independente como afirma o governo, mas mais alinhado com a Primeira-Ministra Mette Frederiksen que persegue o objetivo de ter ‘zero requerentes de asilo’.

Atualmente, os políticos dinamarqueses estão discutindo um projeto de lei que é ainda mais extremo do que os seus antecessores: um plano vago e impreciso para um contrato de transferência de requerentes de asilo que chegam à Dinamarca para um país não europeu (provavelmente na África), onde os seus casos serão analisados. Se lhes for concedido asilo, permanecerão nesse país terceiro.

O ministro diz que isso tornaria o sistema de asilo mais ‘humano e justo’, mas as organizações dinamarquesas de direitos humanos e o ACNUR afirmam que fará precisamente o oposto. O plano é essencialmente uma nova forma de colonialismo, pagando a terceiros para cuidar de pessoas ‘indesejadas’ longe da Dinamarca, e não aceitando nem mesmo uma pequena parte dos milhões de refugiados no mundo.

Felizmente, parece que a direita está tão ofendida pelo fato de os sociais-democratas cooptarem e expandirem as suas políticas que votarão contra. Mas se for aprovada, a política poderá ter consequências terríveis para a colaboração dentro da União Europeia e a nível internacional.

Esse jogo foi longe demais. A maioria dos dinamarqueses não é racista nem contra os direitos humanos e a solidariedade. Mas está ficando difícil ver como podemos encontrar o caminho de volta (Bendixen, 2021).

Estes apontamentos de Bendixen são semelhantes com as reflexões de Kristian Laubjerg, dinamarquês que atuou na Unicef e com bem-estar humano e programas de desenvolvimento. Em artigo de 2021 intitulado “Xenofobia ameaça o modelo de bem-estar dinamarquês”, afirma Laubjerg:

Até recentemente, os dinamarqueses eram conhecidos por sua tolerância e empatia em relação aos problemas sofridos por pessoas menos afortunadas de longe. Hoje, o povo dinamarquês está agrupado com outros países europeus xenófobos, como a Hungria [...]. Embora o dinamarquês médio ainda tenda a se ver como uma pessoa tolerante, aberta a estrangeiros, ele é de fato percebido pelos imigrantes como uma pessoa dominada por um forte senso de superioridade cultural e muitas vezes racial. Durante séculos, os dinamarqueses nunca tiveram que se questionar sobre a identidade, já que raramente haviam sido confrontados por uma cultura estrangeira. Agora, a maioria dos eleitores dinamarqueses procura se proteger do medo de estranhos e culturas estrangeiras através do estabelecimento de uma legislação xenófoba destinada a manter de fora indivíduos e grupos que não correspondem à sua ideia do que significa ser dinamarquês (Laubjerg, 2021).

E, neste sentido, o filme de Salim radicaliza com este cenário já que não há caminho de volta na narrativa, pois Nordahl assume o poder, Malik tem o filho assassinado pelos extremistas, e logo depois assassina Nordahl. Tomando, provavelmente, o mesmo caminho de encarceramento de Zakaria.

2 ALEGORIAS DE UMA NAÇÃO OU QUEM PODE SER SEU FILHO?

2.1 Melodrama e alegoria

Conforme já apontamos, *Filhos da Dinamarca* ressalta os temas da nação e do nacionalismo. Mais do que isso, a nação se apresenta como uma alegoria nacional em um sentido tradicional. Ou seja, a perspectiva de nação se configura como elemento central e ressalta aspectos do melodrama intrínsecos à narrativa.

O autor Ismail Xavier pondera que o melodrama possui esquematicamente elementos que o caracterizam como

a organização de mundo mais simples em que os projetos humanos parecem ter a vocação de chegar a termo, em que o sucesso é produto do mérito e da ajuda da Providência, ao passo que o fracasso resulta de uma conspiração exterior que isenta o sujeito de culpa e transforma-o em vítima radical (Xavier, 2003, p. 85).

Soma-se a isso um “maniqueísmo adolescente [...] sendo, no entanto, a modalidade mais popular na ficção moderna [...]” (Xavier, 2003, p. 85). Porém, ele pondera que tais elementos não conseguem dar conta de algumas obras.

É efetivamente o caso de *Filhos da Dinamarca*, posto que não há sucesso na história, nenhum personagem é salvo, todos fracassam em seus objetivos, não há final feliz, há um estado de permanência do maniqueísmo conduzindo a narrativa em profundidade. É uma história que incomoda, os personagens têm seus destinos entrelaçados e talvez não despertem nenhum carisma no público. Como exemplo temos Malik preso assim como Zakaria, Nordahl foi morto e a história não nos mostra o que se passou com Hassan. Imaginando o dia seguinte à morte de Nordahl, é provável que os extremistas radicalizassem ainda mais contra os imigrantes como forma de vingar a morte de seu líder. Como isentar Zakaria de culpa? Malik seria o sujeito transformado em vítima radical?

Sobre as características dos personagens, Xavier ainda reflete sobre a imagem que eles transmitem. Diz ele,

Vale na imaginação melodramática a ideia da expressão direta dos sentimentos na superfície do corpo, seja pelo gesto ou fisionomia que sublinha uma reação ou uma intenção do personagem, seja pela simples marca (de nascença ou adquirida) que assinala traços de caráter. Tudo aí se traduz em imagem – o vilão é antes de tudo nos bigodes e na postura insinuante (Xavier, 2003, p. 94).

Podemos dizer que Nordahl e Hassan, os dois líderes extremistas, são insinuantes. Os gestos, falas e fisionomias marcam suas intenções, além de ambos usarem barba e bigode (Figuras 9 e 10).

Figura 9 – Características físicas de Martin Nordahl (barba e bigode)



Fonte: Google Imagens.

Figura 10 – Características físicas de Hassan (barba e bigode)



Fonte: Google Imagens.

Sobre o modo de ser dos personagens, Xavier (2003, p. 94) afirma que

o conflito central se dá entre autenticidade e hipocrisia, traços de caráter que se oferecem aos nossos olhos e ao nosso discernimento de forma clara e distinta, mesmo que, para isso, haja nas falas e gestos um excesso alheio ao gosto clássico.

Nordahl fala com muita autenticidade, acredita no que diz, é assertivo. Mas é hipócrita ao agradecer Malik por ter salvado sua vida. Já Hassan cria um discurso de culpa para que

Zakaria faça o trabalho sujo de matar Nordahl, usa uma máscara daquele que ajuda outros imigrantes, não há transparência nele, sua hipocrisia e covardia residem nestas questões. Já Malik carrega uma autenticidade combinada com certa inocência porque imaginou que conseguiria convencer o político a radicalizar após a vitória nas urnas.

Já a professora Doxtarter alerta sobre um paradoxo na obra de Salim, uma vez que o filme apresenta “ideologias dinamarquesas ou europeias de universalismo sem raça e o universalismo do melodrama de Hollywood”. Para ela, os ecos dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 estão presentes no filme de Salim. E a inocência, uma forte característica melodramática, está centrada em uma “inocência branca que soa particularmente fiel ao seu contexto dinamarquês” (Doxtarter, 2019, p.49).

2.2 Hassan e Martin Nordahl: líderes extremistas

Hassan aparece por diversas vezes em ambientes escuros, suas falas, de modo geral, são carregadas de um rancor. Quando ele diz à Zakaria “Não estamos de brincadeira” conecta suas intenções com a energia do jovem que o ouve atentamente. Mais do que isso, Hassan tenta fazer Zakaria se sentir culpado pela situação dos imigrantes, suas palavras deixam isso mais evidente: “Somos egoístas, não cuidamos uns dos outros. Mesmo fugindo das mesmas guerras, vindos ao mesmo país...continuamos egoístas”.

Ao levar Zakaria a uma espécie de cortiço, onde diversos imigrantes vivem escondidos e amontados, Hassan faz parecer que a família de Zakaria tem um vida satisfatória se comparada àqueles que ali estão, como se ele fosse um privilegiado, um “egoísta”. Mas Zakaria não aparece em nenhum momento praticando atos violentos, apenas organiza e lidera aqueles que vão praticar os atos de violência, seu discurso se baseia no ressentimento.

Neste aspecto, Hassan é muito parecido com Nordahl. Porém, este aparece em ambientes claros, discursa à vontade em espaços públicos, não precisa se esconder. E deixou de participar de atos violentos com os extremistas, e como político organiza as narrativas e a ideologia para que seu partido vença as eleições e que os outros cometam violência em seu nome. Aliás, tais narrativas estão pautadas em diversas de suas falas xenófobas: “Todos os problemas são culpa dos imigrantes”; “Repudio a imigração em massa”; “Olhe o nosso estado de bem-estar social se desmoronando”; “Por que os estrangeiros trabalhariam se os mimamos”; “Eles vêm com sua sujeira e trapaças, matam e estupram a Dinamarca”; “A Dinamarca pertence aos dinamarqueses”; “Como nação, sofremos o terror, porque deixamos pessoas erradas ficarem aqui”; “Hoje trago o orgulho de volta”; “Esta noite, mostraremos que os dinamarqueses mandam na Dinamarca”; Só existe uma civilização, e é a nossa!”

Quando Malik diz a Nordahl que ele sabe que o político participou de ações violentas, ele não nega, diz que era “jovem e estúpido” mas que agora está “apenas protegendo seu país”. E que a polícia é que tem que cuidar dos extremistas. Sua resposta como vencedor das eleições e provável primeiro-ministro só demonstram sua concordância com o grupo Filhos da Dinamarca: “Meu problema não é com eles. São o sintoma de algo maior [...] O problema é o número de imigrantes e muçulmanos que só aumenta”. E finaliza a conversa dizendo uma frase que poderia ser dita também por Hassan: “Estamos numa guerra e precisamos nos defender”.

Apesar de estarem nesta “guerra” em campos opostos, os dois líderes atuam com o mesmo objetivo, eliminar o outro, o opositor. Não há pacto possível. O filme de Salim não permite saídas democráticas ou pacíficas, apenas o aniquilamento do outro.

2.3 Onde estão as mulheres?

Já ressaltado que não encontramos cartazes do filme nos quais apareçam mulheres, somente os homens estão presentes, o que já evidencia que o filme foca em “uma masculinidade ferida” para usar a expressão de Doxtarter (2022, p. 51). No enredo de Salim, as mulheres aparecem como contrapontos aos comportamentos masculinos. A mãe de Zakaria, por exemplo, suscita algo quase de inocência, cozinha para os filhos, trabalha e se preocupa com o cotidiano de Zakaria e seu envolvimento com Hassan. Quando recebe Malik (naquele momento ainda Ali) em sua casa como amigo de seu filho, não sabe que ele está lá para treiná-lo para matar Nordahl.

A outra personagem feminina é a esposa de Malik que cuida do filho e da casa, reflete um comportamento mais tradicional de uma família centrada no homem, no caso Malik. O ataque que sofre com ácido mostra sua vulnerabilidade no enredo. Aliás, outra cena que demonstra isso é quando ela dá risadas sobre as falas xenófobas de Nordahl ao ser entrevistado para um canal de televisão. Malik chama sua atenção dizendo que aquilo não tinha graça justamente porque ele sabe da influência que tem o discurso daquele que valida a violência dos extremistas.

Sobre as mulheres no filme, Doxtarter (2022, p. 49) escreveu o seguinte,

não há filhas em *Filhos da Dinamarca*; suas poucas artistas femininas são pacientes maternas unidimensionais que fornecem um pano de fundo para a série de masculinidades feridas e virulentas que são claramente o foco do filme.

Acrescente-se que as duas personagens mulheres aparecem como inocentes, aliás Xavier (2003, p. 103) já havia pontuado que a inocência desprotegida é uma regra fundamental para a estrutura do melodrama.

Por fim, vale uma menção à esposa de Nordahl. Sabemos pouco sobre ela, aparece em pouquíssimas cenas. No discurso da vitória do marido, ela está à frente da plateia e com um vestido vermelho (alusão à bandeira dinamarquesa) e fazendo contraste com as vestimentas bem escuras do público presente.

2.4 Zakaria e Malik: vítimas em busca da redenção

Zakaria não estuda e nem está trabalhando. Aparece assistindo vídeos com imigrantes tentando atravessar fronteiras, e outras imagens de guerra. Ao procurar Hassan para participar das ações do grupo, aparenta ser um alvo fácil para se tornar o agente do plano de matar Nordahl. A culpa por não ajudar os demais imigrantes, que vivem em situação pior do que a de sua família, o coloca neste lugar de quase mártir por uma causa maior, uma espécie de salvação. Hassan tenta sensibilizá-lo pelo lado do afeto: “Quando sentir o mesmo que nós, poderá agir”.

Hassan promete a Zakaria que cuidaria de sua mãe até que ele pudesse aparecer após cometer o assassinato de Nordahl. Mas ele praticamente não reflete sobre isso, sua juventude e seu desejo de fazer algo obscurece sua projeção do futuro. Não imagina o que acontecerá se for preso, como o foi.

Já Malik, enquanto Ali, cumpre seu papel de agente infiltrado que frustrou os planos de Hassan. Seu objetivo principal sempre foi evitar a violência em qualquer um dos lados (grupo de Hassan ou Filhos da Dinamarca). Atua com um senso de justiça. E até tentou mobilizar Zakaria para que desistisse do plano assim que percebeu que o jovem não era um terrorista, era apenas um garoto que vivia com sua família e estava muito incomodado com a xenofobia.

2.5 Quem ressurgirá das cinzas?

Quadro 1 – Letra e tradução da canção *Lacrimosa* que compõe o Réquiem de Mozart³⁰

<i>Lacrimosa</i> ³¹ (letra original)	<i>Lágrimas</i> ³² (tradução)
Lacrimosa dies illa	Dia de lágrimas, aquele dia
Qua resurget ex favilla	No qual ressurgirá das cinzas
Iudicandus homo reus	O homem para ser julgado
Lacrimosa dies illa	Dia de lágrimas, aquele dia
Qua resurget ex favilla	No qual ressurgirá das cinzas
Iudicandus homo reus	O homem para ser julgado
Huic ergo parce, Deus	Portanto, poupe-o, ó Deus
Pie Iesu, Domine	Misericordioso, Senhor
Dona eis requiem	Jesus
Dona eis requiem	Conceda-lhe a paz eterna
Amen	Conceda-lhe a paz eterna
	Amém

Fonte: Site Letras e Ouvir Música.

Essa peça de Mozart é usada com certa frequência em produções audiovisuais³³, e no filme de Ulaa Salim ela aparece em três momentos. Logo no início do filme, em cena já citada, quando Zakaria está correndo dentro de um túnel (Figura 11).

³⁰ Segundo conta Jean Pierre Chauvin em seu ensaio sobre o *Réquiem* de Mozart (1756-1791), o trabalho foi resultado “da encomenda de uma peça musical ao compositor austríaco no ano de sua morte. Inacabada, a obra teria sido revista e concluída por um ou mais colaboradores, especialmente Franz Xaver Sussmayr” (2021, p. 123). Ainda segundo Chauvin (id., p. 125), “Como gênero, o réquiem se relaciona à matéria sacra – peça fúnebre que celebra uma divindade ou é produzida em memória de alguém que faleceu. O gênero poderia estar relacionado ao propósito moralizante da Igreja, pelo menos desde o século XVI. Para ser decoroso ao compor um réquiem, o músico recorre à hinos (missais), leva em conta matérias sublimes (representação da morte, chamado dos anjos, paixões inspiradas por Deus, luz da Graça, paz eterna etc.)”.

³¹ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mozart/1427639/>.

³² Disponível em: <https://www.ouvirmusica.com.br/mozart/1427639/traducao.html>.

³³ Como exemplo podemos citar os filmes *Amadeus* (1984), *Lucy* (2014) e *Ficção Americana* (2023); além das séries *Hannibal* (2013-15) e *The Crown* (2016-2023). Disponível em: www.imdb.com.

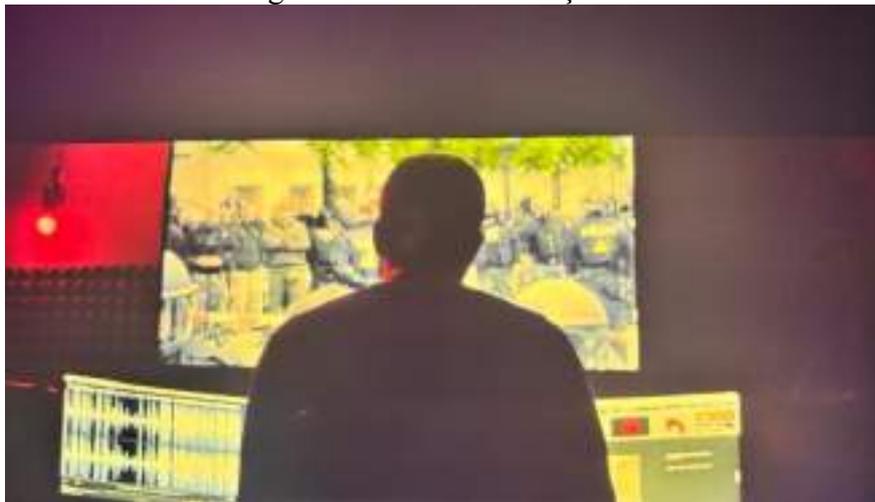
Figura 11 – Zakaria corre dentro de um túnel



Fonte: Frame do filme.

Já no segundo momento, a música acompanha vários planos. Começa com Malik limpando o sangue de sua casa vandalizada pela pixação e a cabeça de porco, logo depois seguem cenas que parecem ser reais de grupos neonazistas. A música ainda acompanha Malik correndo pelas ruas observando muitos cartazes com o rosto de Nordahl, e a canção se encerra com o policial vendo imagens de uma manifestação do Filhos da Dinamarca (Figuras 12 e 13). Quando ele, então, descobre que Martin Nordahl já havia participado de uma manifestação da organização Filhos da Dinamarca (Figura 14).

Figura 12 – Malik observa as imagens de uma manifestação de extremistas dinamarqueses



Fonte: Frame do filme.

Figura 13 – TV exibindo manifestantes extremistas dinamarqueses



Fonte: Frame do filme.

Figura 14 – As imagens que relevam que Nordahl participava da manifestação



Fonte: Frame do filme.

E a terceira e última é o clímax do filme quando Malik entra no local onde Martin Nordahl está discursando após a vitória de seu partido nas eleições para o parlamento. E *La Crimosa* acompanha todo o caminhar em câmera lenta de Malik que, então, dispara um tiro contra Nordahl (Figuras 15 e 16).

Figura 15 – Malik dispara tiros



Fonte: Frame do filme.

Figura 16 – Nordahl caindo após os tiros



Fonte: Frame do filme.

A canção de Mozart diz que alguém ressurgirá das cinzas, talvez seja Malik que se vingou da morte de seu filho e terminou com aquele que encarnava o discurso de ódio no espaço político e legitimava os atos de ódio e violência dos Filhos da Dinamarca. Mas a canção também pede perdão ao Deus cristão. O Deus misericordioso e cristão dos dinamarqueses deve perdoar Malik.

Ulaa Salim poderia ter colocado, neste momento, algum cântico árabe ou do contexto religioso islâmico, mas talvez não fizesse sentido porque seu filme está propondo que a falta de diálogo ou o caminho dos extremismos gera violência, ódio, xenofobia e racismo. Portanto, o enredo pede, por meio da música de Mozart, que os dinamarqueses observem sua religião, entendam o que se passou e perdoem Malik.

2.6 Claro, escuro e vermelho: tons expressivos na tela

O tom vermelho está presente em diversos momentos da narrativa e acaba compondo parte da narrativa já que estamos tratando de um filme que tem a Dinamarca, a nação e o nacionalismo como grandes alegorias no filme. A bandeira dinamarquesa tem apenas duas cores, o vermelho e o branco, sendo a primeira mais representativa já que ocupa boa parte dela.

Aliás, a história da bandeira do país (Figura 17), que leva a alcunha de *Dannebrog*³⁴ e significa “a bandeira dos dinamarqueses”, tem lastro com sua história mais remota e está representada na imagem abaixo.

³⁴ “Hoje, 800 anos após a batalha na Estônia, a bandeira vermelha e branca ganhou uso generalizado entre a população da Dinamarca - para aniversários, funerais e praticamente tudo mais. Até hoje, em muitas casas na Dinamarca, os pais contam a seus filhos a lenda de como a bandeira dinamarquesa surgiu. No início do século XIII, o rei dinamarquês Valdemar Sejr (Valdemar, o Vitorioso) liderou seu exército em uma cruzada na atual Estônia. Durante uma batalha em 15 de junho de 1219, os dinamarqueses estavam na defensiva quando de repente uma bandeira vermelha com uma cruz branca caiu do céu. Como resultado, a sorte mudou, o exército dinamarquês venceu e a Dinamarca recebeu sua bandeira.” Disponível em: <https://denmark.dk/people-and-culture/dannebrog-800-years>. Acesso em: 12 fev. 2023.

Figura 17 - Dannebrog³⁵ caindo do céu durante a batalha de Lindanise



Fonte: Wikipedia.

Sendo assim, nosso entendimento é de Ulaa Salim compôs seu filme com muitos tons vermelhos, criando aspectos visuais que remetem diretamente ao país e sua história.

Além do tom vermelho, o claro e o escuro também ocupam boa parte das cenas. A seguir, apresentamos uma série de frames do filme que exemplificam tal perspectiva, onde o vermelho está presente de modo intenso. Já os planos com pouca luz, em geral, representam momentos nos quais os personagens estão à margem de legalidade ou da institucionalidade, ou seja, onde as reações violentas são discutidas e elaboradas.

A cena abaixo (Figura 18) mostra refugiados/imigrantes vivendo juntos no que se parece mais um cortiço. Uma frase de um personagem evidencia as condições: “famílias que vivem aqui há 20 anos...tratadas como gado”.

Figura 18 – Imigrantes escondidos e vivendo amontoados



Fonte: Frame do filme.

³⁵ Pintado por Christian August Lorentzen em 1809. Original localizado no Statens Museum for Kunst, Dinamarca.

Já na próxima imagem (Figura 19), os tons vermelhos se repetem. Os três personagens discutem um plano de como matar Martin Nordahl, líder da extrema-direita dinamarquesa. A pouca luminosidade corresponde justamente aquilo que não pode se discutir à luz do dia.

Figura 19 – Hassan, Zakaria e Ali (Malik) falam sobre o treinamento para o jovem



Fonte: Frame do filme.

A próxima imagem (Figura 20) simboliza um contraponto, já que há muita luminosidade. A mãe de Zakaria não faz ideia de que seu filho integra uma organização que tenta ser uma reação à onda de xenofobia e racismo que a população de origem árabe vivência no país.

Figura 20 – A mãe de Zakaria, seu irmão e ele



Fonte: Frame do filme.

Mais um plano onde há pouca luminosidade e os tons vermelhos se sobressaem. A cena (Figura 21) indica que Zakaria retorna ao local onde estão planejando o atentado contra Martin Nordahl.

Figura 21 – Zakaria desce uma escadaria



Fonte: Frame do filme

O próximo frame (Figura 22) exhibe uma série de imigrantes discutindo com Hassan uma reação à xenofobia que recebem, novamente pouca luminosidade e tons vermelhos. Outro detalhe é que não há mulheres neste grupo, somente homens. O frame seguinte (fig. 23) destaca a intensidade do tom vermelho ao fundo do personagem Zakaria.

Figura 22 – Hassan planejando junto com seu grupo o atentado



Fonte: Frame do filme.

Figura 23– Zakaria e o tom vermelho atrás



Fonte: Frame do filme.

E no plano abaixo (Figura 24), pouca luminosidade e tons vermelhos. A polícia representada aqui também partilha dos tons vermelhos.

Figura 24 – Malik e seu chefe policial



Fonte: Frame do filme.

E a última cena (Figura 25) evidencia um contraste, Martin Nordahl, personagem que representa a liderança da extrema-direita no filme, não necessita aparecer com pouca luminosidade, até porque seu discurso sairá vencedor nas eleições. Portanto, pode dizer abertamente palavras contra a população árabe, incentivando a violência, o racismo e a xenofobia.

Figura 25 – Martin Nordahl sendo entrevistado



Fonte: Frame do filme.

Portanto, notamos no filme uma evidente composição de cores, tons claros e escuros que se conectam diretamente ao enredo, aos contextos de cada grupo político do filme, além das tradições e mitologias do país. Aliás, como já apontamos, elementos que também compõem o melodrama.

2.7 Ecos na crítica

A importância das análises das críticas produzidas sobre *Filhos da Dinamarca* está centrada justamente no entendimento de que o filme é uma peça de arte que se comunica e, portanto, resulta em debates e interpretações. Aliás, como afirmou Ismail Xavier, no livro *O Discurso Cinematográfico* (2005, p. 13), “O Cinema não foge à condição de campo de incidência onde se debatem as mais diferentes posições ideológicas”.

Trabalhamos aqui com dois textos publicados na Revista EKKO³⁶ e com o artigo de Doxtarter. Diferentemente das duas críticas da revista, a análise de Doxtarter não compõe este universo de público que consome o site da Revista, até porque é necessário pagar para ter acesso ao artigo dela. Doxtarter é uma acadêmica que dialoga, provavelmente, com um público diferente já que sua análise é muito mais aprofundada e completa. Utilizamos estas críticas de contextos diferentes para que houvesse justamente uma pluralidade de opiniões.

Filhos da Dinamarca alavancou críticas com diferentes posicionamentos e reflexos na classe política dinamarquesa, inclusive com discursos propondo a censura do filme. Tal fato aconteceu quando o jornal *Berlingske*³⁷ convidou Alex Ahrendtsen, membro do *Dansk Folkparti*³⁸, para assistir ao filme de Ulaa Salim.

Segundo os críticos Claus Christensen e Nicki Bruun (2019), o político afirmou que é “um filme de propaganda perigoso para o dinheiro dos contribuintes” e “uma vergonha que os consultores do Instituto de Cinema Dinamarquês não tenham reprimido tal propaganda”.

Tal situação levou Salim a reagir dizendo que Ahrendtsen tem direito à crítica, mas que ele não deve “ditar o conteúdo de um filme de ficção. O que rompe com os valores democráticos básicos e a liberdade artística” (Christensen; Bruun, 2019). O cineasta disse ainda que o político “interpretou mal o filme”, já que a obra não é uma

narrativa *ipsis litteris* onde as ações dos personagens são iguais ao contexto que o filme representa. Uma história sobre os extremos e, independentemente do lado, uma narrativa que mostra exatamente os extremos. E, portanto, carrega uma mensagem anti-extremista (Christensen; Bruun, 2019).

O artigo ainda apresenta uma mensagem de Mette Damgaard-Sørensen que foi consultora do filme de Salim, onde ela também rejeita esta tentativa de criar um ambiente de censura por parte da extrema-direita. E diz que há um certo receio de que haja uma radicalização, na Dinamarca, nos próximos anos por conta da presença das populações de origem árabe no país. E afirma ainda que o “medo de que a cultura dinamarquesa seja inundada é bastante real. É um medo que existe e que tem sido muito significativo no partido de Alex Ahrendtsen” (Christensen; Bruun, 2019).

³⁶ A revista, criada inicialmente para a área educacional no ano de 1999, mudou seu rumo a partir de 2005. Desde então, a EKKO se define como uma publicação sobre cinema e mídia, onde são divulgadas “resenhas, ensaios, análises e entrevistas” além de textos de “críticos, cineastas, jornalistas e personalidades da cultura dinamarquesa e internacional”. É publicada quatro vezes por ano nas versões impressa e digital, porém seu site é abastecido regularmente com resenhas e críticas de filmes (EKKO Filmmagasinet, 2022).

³⁷ Jornal mais antigo da Dinamarca e um dos mais tradicionais do país. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Berlingske>. Acesso em: 10 set. 2023.

³⁸ Partido Popular Dinamarquês reconhecidamente como partido populista e de extrema-direita.

Já em outro artigo publicado na mesma revista, a mesma crítica Nicki Bruun aponta *Filhos da Dinamarca* como “um filme corajoso” e que é “raro ver um filme dinamarquês com a perspectiva política tão poderosa. E que, sem dúvida, criará debate e raiva na direita, que, apesar das leves nuances, é designada como o bode expiatório coletivo” (Bruun, 2019).

Além disso, ela destaca que Salim conseguiu criar cenas “a partir de situações simples, universalmente humanas e, no entanto, bastante específicas”, além de “fortes atuações” dos atores (Bruun, 2019). Por outro lado, Bruun aponta que a narrativa do filme baseada no lema “violência que gera violência” já não é algo tão novo, e muito menos “revolucionário”, no cinema. E que “a falta de uma abordagem original do tema”, de certa forma, “enfraquece o filme” (Bruun, 2019).

Portanto, é possível observar que o filme de Salim tem uma estreita relação com a condição da Dinamarca sobre a relação com pessoas em situação de refúgio, sobretudo aqueles que têm laços com a fé islâmica. E o político de extrema-direita citado talvez tenha se reconhecido no personagem Martin Nordahl.

Fizemos também pesquisas sobre o impacto do filme de Salim na crítica brasileira. Encontramos poucos textos, sendo que a maioria se parece mais com uma texto de divulgação com a sinopse junto do que propriamente uma crítica. Poucos textos tentaram debater o filme a partir do contexto europeu de xenofobia ou nacionalismo, de modo que preferimos ficar com os artigos dinamarqueses pois dialogam de modo mais orgânico com a obra.

CONSIDERAÇÕES

O início desta pesquisa me alertou, de modo impactante, como a Dinamarca poderia estar dentro de um circuito de movimentos de extrema-direita que têm crescido nesta segunda década do século XXI. Minha hipótese inicial apontava que o filme de Ulaa Salim não era mais uma obra distópica deste período, mas que havia algo de substancial na história que apresenta uma Dinamarca diferente daquela tão bem desenhada no site oficial do governo dinamarquês. Creio que o fato dele usar uma narrativa que se passa em 2025 foi um recurso para que não o acusassem de tratar de algo que efetivamente não acontecia. Imaginar uma nação em um futuro breve, deixa algo de realismo no ar.

Meu objetivo era entender se havia diálogo do filme com a realidade dinamarquesa e, para isso, era fundamental ler as interpretações da crítica dinamarquesa sobre o filme. Neste sentido, saliento que a crítica se posiciona afirmando a importância do filme de Salim como uma obra que traz alertas para a sociedade dinamarquesa. Mais do que isso, entendo que Salim pressiona as feridas e escancara um tensionamento que o país está enfrentado e que pode ser percebido pelo noticiário regional e internacional (ver anexos). Sendo filho de imigrantes iraquianos, e nascido na Dinamarca, seu filme posiciona o debate a partir de uma perspectiva muito particular já que seu olhar é daquele que talvez seja considerado estrangeiro por uma parte do país.

Ressalto que a crítica, pelo menos aquela que consegui pesquisar, deteve sua análise nas relações entre as questões políticas e imigratórias do país. Somente uma tratou dos aspectos das cores utilizadas no filme, mas de modo breve, e nenhuma abordou o tema da música. Quando passei a rever o filme, comecei a notar as dicotomias claro-escuro e o uso do vermelho de modo intenso. Compreendi, então, que tais elementos compunham de modo integrado a narrativa. Assim como os cartazes do filme que expressam diversas camadas de interpretação da narrativa.

Como perspectiva mais ampliada do audiovisual dinamarquês que trata do tema da imigração, cabe também destacar o filme *Shorta*³⁹ que toca na questão, mas a partir da perspectiva de dois policiais que passam o dia em um fictício bairro de imigrantes na Dinamarca. Além do foco narrativo ser completamente diferente do filme de Salim, os diretores não são filhos de imigrantes, são dinamarqueses contando uma história⁴⁰ sobre os conflitos entre

³⁹ No Brasil o filme recebeu o título de *Zona de Confronto* e está disponível atualmente na plataforma de streaming Netflix.

⁴⁰ *Shorta* suscitou um debate entre os críticos dinamarqueses se seria um filme fascista dado que as atitudes dos policiais expressam este tipo de comportamento. Cf. Disponível em: <https://www.ekkofilm.dk/blogs/generation-ah-oh-ah/shorta-svigter-sit-ansvar/>.

imigrantes e policiais. Outra produção que pode servir de contribuição neste contexto é a série *Borgen*⁴¹ que acompanha a vida de Birgitte Nyborg, primeira-ministra que enfrenta diversos problemas para liderar o parlamento dinamarquês. Em alguns episódios o discurso anti-imigração aparece como temática central e os partidos com discursos xenófobos são evidenciados.

Se expandirmos ainda mais o olhar para aquela região geográfica, notaremos que há duas produções norueguesas que também tratam da extrema-direita. Ambos os filmes, *22 de julho* e *Utoya*, retratam um ataque de um neonazista contra um grupo de jovens do partido trabalhista norueguês que estavam na Ilha de Utoya participando de um evento. O caso ocorreu na Noruega no ano de 2011 e é considerado o maior ataque terrorista deste país.

Portanto, este estudo possibilita ampliar as perspectivas de estudo sobre o audiovisual dinamarquês que tem como destaque o cineasta Lars von Trier e sobre o qual é possível encontrar uma infinidade de artigos acadêmicos. Já a produção de pesquisa sobre Ulaa Salim ainda é ínfima perto dos cineastas dinamarqueses mais reconhecidos. O filme mais recente de Salim, lançado em 2024, ainda não chegou aos cinemas e plataformas de streaming nacionais, mas pela sinopse vale ser visto já que trata da temática climática, debate contemporâneo e necessário.

Outra contribuição do trabalho é apresentar a questão do nacionalismo como grande narrativa que sustenta os discursos e práticas da extrema-direita na Dinamarca. Aliás, poderíamos dizer que o tema tem relevância entre os países nórdicos, sobre isso o autor Benjamin Teitelbaum (2017) afirma o seguinte:

O nacionalismo nos países nórdicos hoje não é apenas uma ideologia; também abrange uma identidade social e cultural. Noutras partes da Europa, revolucionários raciais, culturais nacionalistas e identitários não pertencem a mesma esfera sociocultural ou política.

Destaco, por fim, que o interessante deste trabalho foi perceber como há contradições evidentes entre a imagem que o país quer passar para o mundo e as notícias da mídia sobre o tema da imigração. Aliás, esta é a grande contribuição do filme de Salim, posicionar uma grande lente sobre a Dinamarca e ampliar nosso olhar para um país com dimensões pequenas, com uma imagem muito positiva perante a comunidade internacional, mas que tem sérios problemas para resolver quando o assunto é xenofobia. Sobre tal imagem, sublinho que o site oficial do governo

⁴¹ Disponível atualmente na plataforma de streaming Netflix, teve inicialmente três temporadas (lançadas em 2012) e uma quarta lançada em 2022.

dinamarquês (<https://denmark.dk>) destaca vários aspectos da cultura dinamarquesa, como por exemplo: “uma nação de ciclistas”, “igualdade de gênero”, “pioneiros em energia limpa”, “equilíbrio dinamarquês entre a vida profissional e pessoal”, “inovador por mais de mil anos”. E ainda sobre esta questão, há um esforço do país em se colocar como aliado das questões humanitárias, um exemplo disso aconteceu na Copa do Mundo de futebol realizada no Catar em 2022, quando a seleção dinamarquesa utilizou uniformes que simbolizaram um protesto contra o país sede que é reconhecido internacionalmente por não respeitar os direitos humanos⁴² (ver Anexo H).

⁴² A fornecedora da camisa da seleção dinamarquesa, Hummel, afirma o seguinte sobre a camisa em seu Instagram: “Com as novas camisas da equipe nacional dinamarquesa, queríamos enviar uma mensagem dupla. Eles não são apenas inspirados pela EuroCopa 92, prestando homenagem ao maior sucesso do futebol da Dinamarca, mas também um protesto contra o Catar e seu histórico de direitos humanos. É por isso que atenuamos todos os detalhes das novas camisas da Copa do Mundo da Dinamarca, incluindo nosso logotipo e emblema icônicos. Não queremos ser visíveis durante um torneio que custou a vida de milhares de pessoas. Apoiamos a equipe nacional dinamarquesa até o fim, mas isso não é o mesmo que apoiar o Catar como nação anfitriã. Acreditamos que o esporte deve unir as pessoas. E quando isso não acontece, queremos fazer uma declaração” (Hummel, 2022).

REFERÊNCIAS

- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. ACNUR Brasil. **Agência da Onu para Refugiados**. Brasília: ACNUR, 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/siria/> Acesso em: 15 abr. 2024.
- BALLERINI, F. **História do cinema mundial**. São Paulo: Summus, 2020. *E-book*.
- BENDIXEN, M. C. **A Dinamarca foi para a extrema-direita em relação aos refugiados. POLITICO**, 10 mar. 2021. Disponível em <https://www.politico.eu/article/denmark-has-gone-far-right-on-refugees/>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- BENDIXEN, M. C. Denmark has gone far-right on refugees. **POLITICO**, 10 mar. 2021. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/denmark-has-gone-far-right-on-refugees/>. Acesso em: 15 abr. 2014.
- BERGHAHN, D. No place like home? Or impossible homecomings in the films of Fatih Akin. **New Cinemas**, v. 4, n. 3, p. 141-157, 2006. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/28885585.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- BRUUN, N. Danmarks sønner. **EKKO Filmmagasinet**, 27 mar. 2019. Disponível em: <https://www.ekkofilm.dk/anmeldelser/danmarks-sonner/>. Acesso em: 25 nov. 2022.
- BRUUN, N.; CHRISTENSEN, C. Filmfolk reagerer på politikere angreb. **EKKO Filmmagasinet**, 11 abr. 2019. Disponível em: <https://ekkofilm.dk/artikler/filmfolk-reagerer-pa-politikere-angreb/>. Acesso em: 25 nov. 2022.
- CAMISA MONOCROMÁTICA DA DINAMARCA CARREGA PROTESTO CONTRA CATAR, REVELA PATROCINADORA. **ge**, 28 set. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2022/09/28/camisa-monocromatica-da-dinamarca-e-protesto-contra-catar-revela-patrocinadora.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- CHAUVIN, J. P. Ut Musica poesis: leitura do Requiem (1791), de Mozart. **Cerrados**, Brasília, n. 56, jul. 2021. Disponível em <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003098283.pdf> Acesso em: 15 abr. 2024.
- DANMARKS STATISTIKI. Disponível em <https://www.dst.dk/da> Acesso em: 15 abr. 2024.
- DENMARK. **Danneborg, 800 anos**. Disponível em: <https://denmark.dk/people-and-culture/dannebrog-800-years> Acesso em: 15 abr. 2024.
- DET DANSK FILMSTITUT. **Ulaa Salim: 'I want us to stop and listen to each other'**. Disponível em: <https://www.dfi.dk/en/english/news/ulaa-salim-i-want-us-stop-and-listen-each-other>. Acesso em: 2 ago. 2024.
- DOXTATER, A. Terror melodrama, race and the nation: Ulaa Salim's Sons of Denmark. **Journal of Scandinavian Cinema**, v. 12, n. 1, p. 47-56, 2022. Disponível em: https://intellectdiscover.com/content/journals/10.1386/jsca_00063_1. Acesso em: 24 nov. 2022.

EKKO FILMMAGASINET. Disponível em: <https://www.ekkofilm.dk/> Acesso em: 8 dez. 2022.

FERRO, M. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FILHOS DA DINAMARCA (DANMARKS SØNNER). Direção: Ulaa Salim. Dinamarca: Prime Video, 2019. (126 min).

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HYAENE FILM. Disponível em <https://www.hyaenefilm.dk> Acesso em: 14 abr. 2024.

LACRIMOSA. **LETRAS**. Disponível em <https://www.letras.mus.br/mozart/1427639/> Acesso em: 15 abr. 2024.

LARSEN, F. M. Partido de extrema-direita da Dinamarca quer projeto de lei para expulsar milhares de imigrantes. **G1**, Copenhague, 7 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/07/partido-de-extrema-direita-da-dinamarca-quer-projeto-de-lei-para-expulsar-milhares-de-imigrantes.ghtml>. Acesso em: 28 ago. 2024.

MANIFESTANTES VOLTAM A QUEIMAR EXEMPLARES DO ALCORÃO NA DINAMARCA. **CNN Brasil**, Copenhague, 26 jul. 2023. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/manifestantes-voltam-a-queimar-exemplares-do-alcorao-na-dinamarca/> Acesso em: 15 ab. 2024.

LAUBJERG, K. Xenophobia threatens the Danish welfare model. **MEER**, 20 jan. 2021. Disponível em: <https://www.meer.com/en/64654-xenophobia-threatens-the-danish-welfare-model>. Acesso em: 28 ago. 2024.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **Filho**. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/filho/> Acesso em: 15 abr. 2024.

MONTEIRO, L. R. Das narrativas de fundação às narrativas de dissolução. A questão da identidade nacional no cinema contemporâneo. **Galáxia**, n. 38, p. 154-166, maio/ago. 2028. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/3vNtFB9rF8cz4MGCxspTfFH/?format=pdf>. Acesso em: 31 ago. 2024.

NATIONAL FILM SCHOOL OF DENMARK. **Study in Denmark**. Disponível em: <https://studyindenmark.dk/portal/national-film-school-of-denmark> Acesso em: 10 dez. 2022.

RUSSELL, H. **O segredo da Dinamarca**. São Paulo: Leya, 2016.

SAFATLE, V. **Alfabeto das colisões**. São Paulo: Ubu, 2024. *E-book*.

SPROGET.DK **Fremmedhad**. Disponível em <https://sproget.dk/lookup?SearchableText=fremmedhad>. Acesso em: 15 abr. 2024.

TEITELBAUM, B. R. **Lions of the north**: sounds of the new nordic radical nationalism. New York: Oxford University Press, 2017. *E-book*.

XAVIER, I. “A alegoria histórica”. *In*: RAMOS, F. P. (org.). **Teoria contemporânea do cinema**: pós-estruturalismo e filosofia analítica. São Paulo: Senac, 2005. v. 1361.

XAVIER, I. **O discurso cinematográfico**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

XAVIER, I. **O Olhar e a cena**: melodrama, hollywood, cinema novo e Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

APÊNDICE A – Roteiro para Entrevista

Em 19 de setembro de 2023, entrei em contato com a produtora do cineasta Ulaa Salim com intuito de entrevistá-lo sobre *Filhos da Dinamarca*. A resposta da produção foi que ele estava fornecendo entrevistas apenas sobre seu próximo filme *Eternal* (Eterno) que foi lançado em 2024.

Em abril de 2024 retornei para a produção com perguntas sobre o novo filme, mas com alguns detalhes sobre *Filhos da Dinamarca*. Apesar de ainda não ter tido resposta, reproduzo aqui as questões.

Sr. Salim, gostaria de começar agradecendo por nos conceder esta entrevista. Você poderia contar ao público brasileiro um pouco sobre sua carreira como cineasta?

Gostaria de abordar sobre seu mais novo filme, *Eternal*. Seu enredo parece apontar para uma narrativa sobre salvar a humanidade de uma catástrofe climática. É uma missão para seu personagem principal, que também tem que escolher entre um relacionamento e sua afeição pela humanidade como uma causa maior? Em outras palavras, as causas coletivas são mais importantes do que as individuais?

Em *Sons of Denmak*, seu primeiro filme, a trama se passa em 2025, o que torna essa história distópica. *Eternal* também seria uma distopia, como uma projeção do que estaria prestes a acontecer com o clima global?

Existe alguma semelhança entre os personagens Zakaria, de *Filhos da Dinamarca*, e Elias, de *Eternal*? Seus destinos e escolhas são conflitantes, pois eles têm que colocar causas coletivas acima de suas vidas privadas?

Eu gostaria de perguntar sobre suas influências. Você busca algum tipo de diálogo com outras referências cinematográficas dinamarquesas? Existe algum diálogo com cineastas árabes?

Existe alguma data de lançamento confirmada para *Eternal*, ou alguma perspectiva de que ele seja exibido na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo?

No site da *Hyenaefilm*, há um manifesto que diz "Não queremos apenas produzir conteúdo que entretenha. Deve haver algo em jogo, as histórias devem querer algo mais, deve haver algo real no coração e alimento para o pensamento". Com isso em mente, quais são suas considerações sobre o cinema dinamarquês atual? É propenso a entreter ou a questões sociais e políticas que fazem as pessoas pensarem? E como você observa a receptividade do público dinamarquês a produções dinamarquesas como a sua?

Para finalizar, gostaria de saber se você tem algum interesse por produções audiovisuais brasileiras ou por cineastas brasileiros.

ANEXO A – Matéria de Claus Christensen og Nicki Bruun

“Cineastas reagem a ataques de políticos” (por Claus Christensen og Nicki Bruun)

Alex Ahrendtsen, do Partido do Povo Dinamarquês, rompe com a liberdade artística, diz o diretor Ulaa Salim. O Film Institute também não entende a interpretação do político sobre os Filhos da Dinamarca.

O Berlingske teve a brilhante ideia de convidar Alex Ahrendtsen, porta-voz cultural do Partido do Povo Dinamarquês, para avaliar o filme *Sons of Denmark*, que estreia hoje. O filme retrata uma Dinamarca em 2025, onde um ataque terrorista dividiu a população e deu ao político xenófobo Martin Nordahl um impulso nas pesquisas de opinião.

Nordahl e seu partido poderiam ter se inspirado no Partido do Povo Dinamarquês e em um político como Martin Henriksen, e o filme também trouxe Alex Ahrendtsen para o campo vermelho.

"Um filme de propaganda perigoso para o dinheiro dos contribuintes", escreve o Comissário da Cultura em *Berlingske* e acrescenta que é "uma vergonha que os consultores do Instituto de Cinema Dinamarquês não tenham reprimido a propaganda".

Isso levou o diretor Ulaa Salim a reagir à crítica de Ahrendtsen.

"Alex Ahrendtsen pode, é claro, dizer o que quiser sobre o filme. Estou bem com isso. Mas não acho que ele deva ditar o conteúdo de um filme de ficção. Lá ele rompe com os valores democráticos básicos e a liberdade artística", diz Ulaa Salim em comunicado à imprensa e continua:

"Além disso, ele interpretou mal o filme, que exige ouvir mais e gritar menos. Não é uma narrativa *ipsis litteris* onde o que os personagens fazem é igual ao que o filme representa. Este é um filme sobre os extremos independentemente do signo e, portanto, o filme mostra exatamente os extremos. Mas tem uma mensagem anti-extremista."

A Revista Ekko entrou em contato com Ulaa Salim, que não quis entrar em detalhes sobre o comunicado à imprensa.

Grande diretor de cinema

Como diretora artística do esquema de talentos *New Danish Screen*, Mette Damgaard-Sørensen apoiou o filme *Filhos da Dinamarca* com pouco mais de DKK 5,6 milhões e atuou como consultora em todas as partes do filme.

Assim como o diretor Ulaa Salim, ela acha difícil entender as críticas de Alex Ahrendtsen. "Ulaa não escreveu uma crônica ou fez um documentário. Ele fez um filme pessoal

sobre o mundo como ele o vê. Isso é o que você tem que fazer como artista de cinema", diz Mette Damgaard-Sørensen.

"Eu coloco mais ênfase no fato de que praticamente todos os críticos escrevem que é libertador ver um filme que realmente tenta colocar os holofotes em algo central em nosso tempo. Para mim, o filme mostra de forma decisiva os contornos de um diretor que acho que vai ser muito bom."

Ela não consegue concordar com Alex Ahrendtsen quando ele escreve que o filme mostra uma imagem mais positiva dos islâmicos radicais do que da direita dinamarquesa.

"Eu acho que ambos os lados são muito assustadores. O filme escolhe uma posição que é nova para nós porque se concentra naqueles de quem constantemente falamos como "os outros", diz Mette Damgaard-Sørensen.

O líder também não consegue entender o que Alex Ahrendtsen quer dizer quando afirma que os Sons of Denmark estão convocando o vigilantismo.

"Afinal, é uma leitura *ipsis litteris* completa de um filme. Filmes antiguerra também são geralmente sobre guerra, mas isso não significa que eles a glorifiquem. Partimos dos *Filhos da Dinamarca* com uma enorme tristeza e consideração. Você pensa no que pode acontecer se pararmos de olhar uns para os outros como seres humanos. O medo é real."

Alex Ahrendtsen está surpreso que os "três consultores" do Film Institute não tenham guiado Ulaa Salim de uma melhor. Mas é um mal-entendido por parte do político, diz Mette Damgaard-Sørensen. Os três consultores – Rumle Hammerich, Kim Leona e Rasmus Heisterberg – são consultores com os quais a própria Ulaa Salim escolheu trabalhar.

Os cineastas não são ditados pelo *Film Institute*, cujo único consultor foi Mette Damgaard-Sørensen. "Meu papel é ajudar a tornar o filme o mais nítido e claro possível - não como eu teria feito, ou como o estado acha que o filme deveria ser feito. Felizmente, esse não é o nosso papel", diz Mette Damgaard-Sørensen.

"A pior coisa que pode acontecer a um filme é ser indiferente. Um produto intermediário superficial é desinteressante. Então, minha abordagem nesses processos é dar aos filmes uma radicalidade – não no sentido político, mas no sentido artístico".

Mette Damgaard-Sørensen também rejeita a afirmação do Comissário da Cultura de que a representação do filme de uma Dinamarca radicalizada em um futuro próximo não seja realista.

"O medo de que a cultura dinamarquesa seja inundada é bastante real. É um medo que existe e que tem sido muito significativo no partido de Alex Ahrendtsen."

Disponível em: <https://ekkoilm.dk/artikler/filmfolk-reagerer-pa-politikers-angreb/>

ANEXO B – Matéria de Nicki Bruun

Filhos da Dinamarca por Nicki Bruun (Jornalista na Filmmagasinet Ekko, revista dinamarquesa especializada sobre cinema e mídia).

O talentoso Ulaa Salim estreia com um explosivo drama terrorista que, com fortes atuações e surpresas na manga, vai à luta contra o extremismo.

Um ano se passou desde que um ataque brutal em Nørreport em Copenhague ceifou a vida de 23 passageiros matinais. O político Martin Nordahl espera uma vitória esmagadora nas próximas eleições como líder do partido Movimento Nacional. Sua retórica afiada contra os refugiados e todos os outros de origem étnica que não sejam dinamarqueses ressoa em um país dividido. No gueto, sua mensagem é pintada com sangue de porco: "Volte para casa!"

Zakaria é um dos jovens profundamente afetados pela polarização da xenofobia. Ele passa da luz do dia azul e fria em casa com sua mãe e irmão mais novo para um submundo brutal em um brilho avermelhado, onde o Hassan mais velho o ensina sobre os crimes contundentes do mundo contra seus irmãos e irmãs.

Em nenhum momento ele convence o jovem a liquidar Nordahl, para que o mundo possa ver que "os estranhos" estão juntos. Somos nós contra eles, diz ele.

Filhos da Dinamarca é um filme corajoso. É raro ver um filme dinamarquês com uma perspectiva política tão poderosa. E, sem dúvida, criará debate e raiva na direita, que, apesar das nuances levemente insinuadas, é designada como o bode expiatório coletivo.

O título do filme é o nome de um violento grupo underground que levou a sério as palavras de Martin Nordahl e ao longo do caminho recorre a meios cada vez mais violentos na luta contra os inimigos do reino.

É também um tipo diferente de filme explosivo para o diretor estreante Ulaa Salim, que em seus curtas-metragens da Escola de Cinema Dinamarquesa contou histórias muito mais comedidas e ponderadas sobre identidade e etnia. Desta vez, ele aumenta o drama com uma história que se apoia visual e tematicamente em thrillers como *Underworld* e *Kongekabale*.

No entanto, o talentoso diretor manteve sua poética linguagem cinematográfica. Salim consegue criar belas cenas a partir de situações simples, universalmente humanas e bem singulares. Como quando Zakaria divide seu lanche – cuidadosamente preparada por sua mãe preocupada – com seu novo amigo Ali enquanto praticam tiro com pistola antes do assassinato planejado.

Desde então, ambos tentam fazer com que o outro pule primeiro na água fria durante um mergulho. Bastante flagrante, mas potente, o filme nos lembra que a cultura machista assassina começa pequena.

Mais ou menos na metade, a exploração da masculinidade de Ulaa Salim entra em foco com mais eficácia quando o policial Malik se torna o verdadeiro protagonista do filme. Ele luta contra a paranoia depois de estar disfarçado por um longo tempo, mas se torna a figura mais interessante porque se encontra em uma tensão estressante entre dois extremos do extremismo.

Infelizmente, um tom de algo não confiável percorre o filme. Zakaria, o jovem geralmente confuso, lança-se facilmente em uma carreira radical de violência. Os superiores de Malik ficam felizes em ignorar os fatos, enquanto o roteiro resmungue que o departamento está com falta de pessoal. Alguns desvios são levados ao grande drama.

Por outro lado, o filme é apoiado por fortes atuações. O debutante Mohammed Ismail Mohammed está no centro da história, mas Zaki Youssef como o amigo Ali rouba a cena com uma atuação diferenciada e uma surpresa na manga. O mais surpreendente, no entanto, é Rasmus Bjerg, que assustadoramente abandona sua imagem popular no papel do sedutor, mas cínico político Nordahl.

Que ódio gera ódio e violência gera violência não é mais uma ideia revolucionária, e a falta de uma abordagem original do tema explosivo enfraquece o filme.

Os *Filhos da Dinamarca* ressurgem, porém, com um final que redime a história. Primeiro vem a ação furiosa e depois crescimento rítmico, que sublinha uma verdade óbvia.

O antídoto para a violência e o ódio é encontrado em casa com a mãe e suas amorosas panelas de carne.

Disponível em: <https://www.ekkoilm.dk/anmeldelser/danmarks-sonner/>

ANEXO C – Matéria do Deutsche Welle

Dinamarca aprova projeto de lei que proíbe queima do Alcorão

07/12/2023

Protestos que envolveram a queima do livro sagrado provocaram indignação entre muçulmanos, com impacto no nível de ameaça terrorista. Críticos à medida dizem que ela afeta a liberdade de expressão no país europeu

O Parlamento da Dinamarca aprovou nesta quinta-feira (07/12) um projeto de lei que na prática proíbe a queima do Alcorão no país europeu, com pena de um a dois anos de prisão para os infratores.

A lei criminaliza o "tratamento inapropriado de escritos com importância significativa para uma comunidade religiosa reconhecida". O projeto de lei recebeu 94 votos a favor e 77 votos contra.

Queimar, rasgar ou profanar textos religiosos em público pode ser punido com um a dois anos de prisão, ou multa. Gravar em vídeo a destruição de um texto sagrado e depois divulgar o filme na internet também pode levar os infratores à prisão.

O Ministério da Justiça dinamarquês afirmou que a medida tem o objetivo de combater o "escárnio sistemático" que eleva os níveis de ameaça terrorista na Dinamarca.

A queima do Alcorão em protestos na Dinamarca neste ano provocou indignação no mundo muçulmano. No final de julho, iraquianos tentaram marchar até a embaixada dinamarquesa na zona verde de Bagdá, depois que o clérigo xiita Moqtada Sadr pediu providências devido à queima de um Alcorão na Dinamarca.

Protestos similares que envolveram a queima do Alcorão também foram registrados na Suécia. Em julho, a embaixada sueca no Iraque foi incendiada por manifestantes que protestavam contra o anúncio de uma queima pública do Alcorão no país europeu.

Os críticos do projeto de lei aprovado pelo Parlamento dinamarquês dizem que ele é uma restrição à liberdade de expressão na nação escandinava.

"História nos julgará por isso", diz política anti-imigração

"A história nos julgará duramente por isso, e com razão", disse Inger Stojberg, do partido de direita anti-imigração Democratas da Dinamarca, em resposta à aprovação do projeto de lei. "Trata-se de saber se uma restrição à liberdade de expressão é determinada por nós, ou se é ditada de fora."

O projeto de lei também foi criticado por parlamentares dinamarqueses de esquerda.

"O Irã muda sua legislação porque a Dinamarca se sente ofendida por algo que um iraniano faria? O Paquistão muda? A Arábia Saudita?" disse Karina Lorentzen, do Partido Popular Socialista, de esquerda. "A resposta é não."

O projeto de lei, apoiado pelo atual governo de coalizão de centro-direita, havia sido proposto em agosto e foi depois alterado devido a preocupações com a liberdade de expressão.

Antes de entrar em vigor, a última versão do projeto de lei precisa ser assinada pela monarca dinamarquesa, a Rainha Margrethe. Isso provavelmente ocorrerá no final de dezembro.

A série de choques entre culturas manifestamente religiosas do Oriente Médio e Europa, e seculares ocidentais – para quem as liberdades pessoais estão acima de convicções de fé – ecoa outros episódios de fundamentalismo e intolerância mútua das décadas recentes. Entre os mais notórios, o do semanário *Charlie Hebdo*, na França, e o das caricaturas de Maomé, na Dinamarca, que resultaram em crises diplomáticas, atos terroristas e mortes.

bl/cn (Reuters, AFP)

Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/dinamarca-aprova-projeto-de-lei-que-proíbe-queima-do-alcorão/a-67660058>.

ANEXO D – Matéria do G1

Partido de extrema-direita da Dinamarca quer projeto de lei para expulsar milhares de imigrantes

Projeto de lei chamado “fora imigrantes não-integrados” pode permitir a deportação de imigrantes considerados não adaptados aos costumes e leis do país até 2030. Para ser aprovado, projeto precisa de 90 dos 179 votos dos parlamentares dinamarqueses.

Por Fernanda Melo Larsen, RFI — Copenhague

07/10/2021 11h02 Atualizado há 2 anos

O Partido Popular Dinamarquês e a ex-ministra da Imigração e Integração da Dinamarca, a parlamentar sem partido Inger Støjberg, uniram forças e apresentaram na terça-feira (5), uma proposta de lei para endurecer as regras de imigração do país.

O projeto propõe deportar imigrantes e refugiados condenados a penas superiores a três meses, ou que não passaram no teste de proficiência da língua dinamarquesa no nível intermediário ou superior e os que estão desempregados há mais de 12 meses consecutivos ou dependem exclusivamente de benefícios sociais do Governo.

A medida pode afetar a vida de 50 mil pessoas. De acordo com o presidente do Partido Popular Dinamarquês Kristian Dahl e Inger Støjberg.

Ao serem questionados por um jornal dinamarquês se a lei respeitaria as convenções internacionais das quais a Dinamarca é participante, nem Dahl ou Støjberg souberam responder.

Aprovação depende de votos e tem efeito retroativo

Atualmente, os partidos considerados de extrema-direita na Dinamarca têm 21 das 179 cadeiras do Parlamento. Para que um projeto lei seja votado e aprovado são necessários 90 votos de maioria simples. Antes da votação, qualquer proposta no país é colocada em discussão por pelo menos três vezes. No caso de aprovada, a lei pode entrar em vigor com efeito imediato e retroativo.

A Dinamarca é um país onde as leis são rígidas para imigrantes e refugiados. No mês passado a primeira-ministra Mette Frederiksen, do partido Social-Democrata, um partido considerado de centro-esquerda, apresentou um plano econômico onde mulheres vindas de países de maioria muçulmana, que vivem na Dinamarca e não têm ocupação remunerada, teriam que contribuir com 37 horas semanais de trabalho voluntário para continuarem a receber os benefícios sociais pagos pelo Estado.

Analistas de política na Dinamarca veem o projeto de lei como uma tentativa da extrema-direita de recuperar parte dos seus eleitores. Inclusive a proposta foi divulgada amplamente nas redes sociais tanto do Partido do Povo Dinamarquês quanto da ex-ministra da imigração.

Støjberg está sendo julgada desde setembro pela Suprema Corte da Dinamarca em um processo histórico. Ela é acusada de ordenar ilegalmente a separação de todos os casais em busca de asilo em 2016, onde um ou os dois cônjuges fossem menores de idade.

Entre 2015 e 2019, a ex-ministra da Imigração e Integração foi parte do governo de centro-direita, do então Primeiro-Ministro Lars Rasmussen, do Partido Liberal da Dinamarca. O governo era apoiado pelo populista Partido Popular Dinamarquês.

Durante o período que Inger Støjberg esteve no cargo, mais de 100 novas restrições para imigrantes e refugiados foram introduzidas, e até mesmo anúncios em jornais libaneses foram publicados no idioma árabe para desencorajar os refugiados a irem para a Dinamarca.

No entanto, a maior polêmica tinha sido uma foto onde Inger posava com um bolo celebrando a emenda 50, que dificultava ainda mais a reunificação de famílias de imigrantes e refugiados no país em março de 2017. A imagem causou indignação por parte da Agência de refugiados da ONU.

Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/07/partido-de-extrema-direita-da-dinamarca-quer-projeto-de-lei-para-expulsar-milhares-de-imigrantes.ghtml>.

ANEXO E – Matéria da CNN

Manifestantes voltam a queimar exemplares do Alcorão na Dinamarca

Atos ocorreram em frente às embaixadas de Egito e Turquia nesta terça-feira; países islâmicos têm se manifestado furiosamente contra as manifestações de islamofobia

[Da Reuters](#), Copenhague

25/07/2023 às 17:01 | Atualizado 26/07/2023 às 09:56

A Dinamarca e a [Suécia](#) disseram que lamentam a queima do livro sagrado do Islã, mas não podem impedir o ato sob as regras que protegem a liberdade de expressão. Na semana passada, manifestantes no Iraque incendiaram a embaixada sueca em Bagdá.

A manifestação de terça-feira em Copenhague por um grupo chamado “Patriotas dinamarqueses” seguiu-se à queima do Alcorão que o grupo organizou na segunda-feira e na semana passada em frente à embaixada iraquiana. Dois desses incidentes ocorreram na Suécia no mês passado.

O Ministério das Relações Exteriores do Iraque pediu na segunda-feira às autoridades dos países da União Europeia que “reconsiderem rapidamente a chamada liberdade de expressão e o direito de manifestação” à luz das queimas do Alcorão.

A Turquia disse na segunda-feira que condena veementemente o que chamou de “ataque desprezível” ao Alcorão e pediu à Dinamarca que tome as medidas necessárias para prevenir esse “crime de ódio” contra o Islã.

Ministério das Relações Exteriores do Egito convocou na terça-feira o encarregado de negócios da Suécia para condenar a profanação do Alcorão.

A Dinamarca condenou as queimas como “atos provocativos e vergonhosos”, mas diz que não tem poder para bloquear manifestantes não violentos.

(Reportagem de Louise Breusch Rasmussen)

Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/manifestantes-voltam-a-queimar-exemplares-do-alcorao-na-dinamarca/>.

ANEXO F – Matéria da POLITICO

A Dinamarca foi para a extrema-direita em relação aos refugiados

O que aconteceu com a Dinamarca? Outrora conhecida como uma sociedade liberal, tolerante e de espírito aberto, com respeito pelos direitos humanos e um Estado social forte e humano, tornámo-nos agora o primeiro país da Europa a revogar autorizações de residência para refugiados sírios.

Na semana passada, as autoridades dinamarquesas determinaram que a situação de segurança em torno de Damasco melhorou, apesar das evidências de péssimas condições de vida e da perseguição contínua por parte do regime de Bashar al-Assad. Como resultado, privaram 94 refugiados do direito de permanecer no país. Outra proposta recentemente introduzida transferiria todos os requerentes de asilo para fora da Dinamarca.

Em outras palavras, a Dinamarca – o primeiro país a assinar a Convenção das Nações Unidas sobre Refugiados em 1951 – adoptou agora uma política de asilo que é menos parecida com a dos seus vizinhos escandinavos do que com a de países nacionalistas como a Áustria ou a Hungria.

Felizmente, ninguém será enviado de volta à Síria tão cedo. Ao abrigo do novo sistema, os refugiados têm de ter vivido na Dinamarca durante pelo menos 10 anos para que a sua ligação ao país seja considerada suficientemente forte para continuar a residir, independentemente do esforço que tenham trabalhado ou estudado. No entanto, atualmente é impossível deportar alguém de volta para a Síria – a Dinamarca não negociará com Assad – e muito poucos sírios estão dispostos a regressar voluntariamente. Assim, aqueles que perderem as suas autorizações de residência acabarão provavelmente em campos dinamarqueses à espera de deportação ou em outros países europeus.

Mas permanece o facto de que a Dinamarca está aprovando leis com objetivos obviamente discriminatórios, com políticos tanto da esquerda como da direita discursando sobre minorias étnicas e de muçulmanos em termos que seriam inimagináveis nos países vizinhos. Na verdade, se esta lei tivesse sido promovida por um governo de extrema-direita, talvez não tivesse sido surpreendente. Mas a Dinamarca é atualmente governada por uma coligação de esquerda liderada pelos sociais-democratas. O que, de fato, aconteceu com nosso país?

A resposta reside num cabo de guerra entre os sociais-democratas e o Partido Popular Dinamarquês, de extrema-direita. Embora o Partido Popular Dinamarquês nunca tenha feito

parte de um governo, os seus representantes passaram as últimas duas décadas a utilizar os seus mandatos para um único objetivo: só votam projetos de lei relativos a outras questões se, em troca, obtiverem restrições a estrangeiros. Passo a passo, o Partido Popular Dinamarquês arrastou todos os outros partidos na sua direção – nenhum mais do que os sociais-democratas, com quem compete pelos eleitores da classe trabalhadora.

Em 2001, um governo de direita impôs as primeiras restrições radicais para refugiados e estrangeiros. E embora os sociais-democratas se tenham oposto inicialmente, rapidamente mudaram a sua estratégia para se defenderem do desafio do Partido Popular Dinamarquês. No início, nem todos os sociais-democratas concordaram com a nova política de linha dura, mas o partido gradualmente passou a adotá-la, juntamente com a grande maioria dos seus eleitores. Hoje, o Partido Popular Dinamarquês tornou-se quase redundante. As suas políticas, outrora denunciadas como racistas e extremistas, tornaram-se agora dominantes.

Há dois anos, o governo aprovou legislação que inverteu o conceito de proteção dos refugiados: substituiu os esforços de integração a longo prazo e de direitos iguais por estadias temporárias, direitos limitados e enfoque na deportação o mais rapidamente possível. Paradoxalmente, isto ocorreu numa altura em que a Dinamarca recebeu o menor número de refugiados em 30 anos e a integração estava a decorrer melhor do que nunca em termos de emprego, educação e competências linguísticas.

Entretanto, o Conselho Dinamarquês de Recursos para os Refugiados foi destituído dos seus peritos e reduzido a apenas três membros, incluindo um funcionário do Ministério da Imigração, tornando-o assim não tão independente como afirma o governo, mas mais alinhado com a Primeira-Ministra Mette Frederiksen que persegue o objetivo de ter “zero requerentes de asilo”.

Atualmente, os políticos dinamarqueses estão discutindo um projeto de lei que é ainda mais extremo do que os seus antecessores: um plano vago e impreciso para um contrato de transferência de requerentes de asilo que chegam à Dinamarca para um país não europeu (provavelmente na África), onde os seus casos serão analisados. Se lhes for concedido asilo, permanecerão nesse país terceiro.

O ministro diz que isso tornaria o sistema de asilo mais “humano e justo”, mas as organizações dinamarquesas de direitos humanos e o ACNUR afirmam que fará precisamente o oposto. O plano é essencialmente uma nova forma de colonialismo, pagando a terceiros para cuidar de pessoas “indesejadas” longe da Dinamarca, e não aceitando nem mesmo uma pequena parte dos milhões de refugiados no mundo.

Felizmente, parece que a direita está tão ofendida pelo facto de os sociais-democratas cooptarem e expandirem as suas políticas que votarão contra. Mas se for aprovada, a política poderá ter consequências terríveis para a colaboração dentro da União Europeia e a nível internacional.

Esse jogo foi longe demais. A maioria dos dinamarqueses não é racista nem contra os direitos humanos e a solidariedade. Mas está ficando difícil ver como podemos encontrar o caminho de volta.

Disponível em: <https://www.politico.eu/article/denmark-has-gone-far-right-on-refugees/>.

ANEXO G – Matéria de Kristian Laubjerg

A xenofobia ameaça o modelo de bem-estar dinamarquês

Com uma campanha intensiva de informação, os dinamarqueses aprenderiam a se ver como membros de uma sociedade multicultural

20 de janeiro de 2021,

Kristian Laubjerg

Bernie Sanders aponta para a Dinamarca

A Dinamarca é conhecida como um país onde a justiça social prevalece e onde todos garantiram uma vida diária sem ter que viver se preocupando com o amanhã, mesmo que a doença e o desemprego batam à porta. Eu nasci na Dinamarca, há duas gerações, e não pude deixar de me sentir um pouco orgulhoso, quando o candidato democrata à presidência dos EUA, Bernie Sanders, apontou para a Dinamarca como um modelo a ser imitado pelos EUA. O que vale a pena ser grande e poderoso, se isso não contribui para dar melhores condições de vida às pessoas, perguntou Sanders. Ele identificou algumas características notáveis da Dinamarca: é baixa na pobreza, baixa na desigualdade, alta na renda, alta no imposto, alta no bem-estar, alta na inovação e alta no emprego, com folga generosa para férias e recém-nascidos e com uma quantidade relativamente alta de tempo de lazer para os trabalhadores. Mas o fantasma do senador McCarthy - um fervoroso anticomunista - ainda está muito vivo nos EUA. À sombra do suposto socialismo dinamarquês, Sanders perdeu nas primárias durante as duas últimas eleições presidenciais.

Um país governado pela justiça

Comparativamente falando, a Dinamarca pode parecer um modelo que vale a pena para Bernie Sanders, mas, na verdade, as forças do mercado neoliberal contribuíram para uma séria queda nos benefícios para seus cidadãos. A adesão da Dinamarca ao Mercado Comum Europeu desde 1972 teve um grande impacto no modelo de bem-estar dinamarquês. Como consequência de uma alta porcentagem de trabalhadores sindicalizados nos países escandinavos e sua estreita associação com partidos de orientação socialista, pelo menos até o fim do milênio, o povo dinamarquês teve os benefícios de um pacote de bem-estar altamente eficiente negociado pelos sindicatos.

À medida que o sistema atingiu o pico no final dos anos 90, as instituições públicas dinamarquesas ofereciam acesso igual a serviços de saúde e educação para todos com um endereço dinamarquês. Os acordos coletivos entre os sindicatos e as organizações de

empregadores - públicos e privados - compensaram qualquer pessoa empregada em um acordo coberto no local de trabalho contra doença, um mínimo de cinco semanas de férias anuais, licença maternidade e uma série de outros benefícios sociais. Aqueles que não estão empregados em um local de trabalho coberto por um acordo coletivo seriam cobertos por um determinado período de tempo por um pacote de assistência social pago pelas autoridades municipais durante a doença e o desemprego.

A igualdade econômica e social para todos era o ideal por trás do modelo dinamarquês. O sistema não discriminou com base no histórico dos beneficiários. Como consequência, a Dinamarca logo adquiriu uma reputação internacional como um país caracterizado pela tolerância e hospitalidade. Os dinamarqueses vieram a ser vistos como um povo guiado por princípios de justiça, tolerância e empatia e chegaram a ser classificados entre os mais altos países europeus quando os refugiados buscaram asilo.

A UE limita as despesas com bem-estar

É pouco conhecido pelo público em geral que os EUA desempenharam um papel importante na formação do mercado comum europeu. O Comitê Americano sobre a Europa Unida, formado em 1948, garantiu através do financiamento da CIA do Movimento Europeu, que acabou levando ao Tratado de Roma - a fundação da atual União Europeia, que ajudou a proteger os países da Europa Ocidental sob a esfera do controle econômico e domínio dos EUA.

O partido social-democrata formou o governo dinamarquês de 1929 até os anos 80, quando a maioria parlamentar não poderia ser garantida sem o apoio de partidos de direita e populistas. Gradualmente, o impacto da parceria europeia teve um impacto prejudicial em todos os partidos políticos dinamarqueses e o partido social-democrata cessou suas políticas socialistas tradicionais.

Durante os anos 90 e ao longo das duas primeiras décadas do novo milênio, testemunhamos uma mudança para a direita com a consequência da legislação destinada a controlar a migração para a Dinamarca e estabelecer limites aos benefícios de bem-estar para estrangeiros, incluindo trabalhadores migrantes da UE. Pacotes de bem-estar novos e revisados discriminados entre cidadãos com raízes imigrantes e dinamarqueses étnicos - favorecendo o último. Os destinatários do bem-estar também sofreram com a privatização de certos serviços, como aqueles que tradicionalmente seriam oferecidos aos residentes de lares de idosos. Agora você tinha que pagar por uma série de 'extras', como piqueniques e vinho com sua comida.

A União Europeia estabeleceu limites à autonomia dos governos nacionais, aplicando limites máximos para despesas públicas, de acordo com um quadro anual estabelecido pelo

Parlamento da UE em Bruxelas. O governo central em Copenhague foi encarregado da supervisão dos gastos do governo local. Isso limitou o uso de fundos para serviços públicos, incluindo benefícios de bem-estar. Com o crescente poder do parlamento da UE sobre os orçamentos nacionais, o número de moradores de rua tornou-se uma característica regular da vida nas ruas do centro das cidades na Dinamarca.

Máquinas de guerra em vez de bens de bem-estar

O governo dinamarquês dá alta prioridade à cooperação militar e de segurança com os Estados Unidos e outros aliados da OTAN. O impacto dessa prática raramente é debatido, nem no parlamento nem na mídia. O governo social-democrata, com o apoio do antigo partido de oposição da OTAN, a Esquerda Radical - na verdade, um partido de centro e nada radical - está hoje caindo um sobre o outro para demonstrar sua prontidão para defender o "mundo livre" e os interesses de segurança americanos, sempre que Washington atinge os tambores da guerra. Aparentemente, não há falta de recursos quando se trata de participar de compromissos no exterior na forma de contribuições militares. Os militares dinamarqueses contribuíram significativamente para a queda do presidente líbio Gaddafi com seus aviões de guerra da OTAN. A Dinamarca tem sido uma defensora veetina das intervenções dos EUA no Afeganistão e no Iraque e, atualmente, as forças especiais dinamarquesas fornecem apoio militar no Mali. Se algum país do velho mundo, além do Reino Unido, se qualifica para um relacionamento especial com os Estados Unidos, é a Dinamarca. Essa estreita associação com o policial do mundo e o apoio ativo à sua política externa e de segurança não atrai muita atenção da grande mídia na Dinamarca ou em todo o mundo, onde a Dinamarca ainda é mais conhecida por H.C. Andersen, *A Pequena Sereia*, produtos lácteos e idílio do castelo.

Substituindo o bem-estar pela discriminação patrocinada pelo estado

Voltando à Dinamarca depois de uma geração no exterior, logo aprenderei que o bem-estar e a vida diária na Dinamarca não são o que costumavam ser. Observei tristemente que o bem-estar dos cidadãos individuais caiu substancialmente em muitas áreas. O medo do amanhã tornou-se um sentimento generalizado entre as famílias trabalhadoras. Hoje, é possível ser servido em grandes lojas de departamento e supermercados até tarde da noite, enquanto está associado a grandes dificuldades para obter uma visita do médico de plantão. Fora das maiores áreas urbanas, muitas famílias estão sem um médico. Organizações profissionais e sindicatos que lutaram pelo direito dos funcionários às horas de trabalho humanas parecem ter perdido seu impulso anterior.

O ex-economista do Banco Mundial e ganhador do Prêmio Nobel Stieglitz percebeu que a globalização das políticas neoliberais é como uma corrida para o fundo. É imprudente e injusto, ele acredita. As instituições internacionais da ONU são impotentes quando competem com empresas transnacionais pelo controle da globalização. Eles podem fazer algumas colchas de retalhos cosméticas e, assim, contribuir para substituir sentimentos de culpa entre as populações nos países industrializados ocidentais por outros mais positivos. A ONU apresenta habilmente histórias de sucesso aos seus doadores, mas nunca será capaz de eliminar as causas básicas da desigualdade e da pobreza global, desde que a maioria dos membros do conselho seja composta por representantes dos governos ocidentais. A Dinamarca está cheia de elogios à ONU, embora alguns dos partidos de direita tenham sugerido em várias ocasiões que a Dinamarca não deve ser obrigada pelas convenções da ONU quando a implicação é que os dinamarqueses devem compartilhar seu bem-estar com refugiados, outros imigrantes e trabalhadores migrantes da UE.

Refugiados vistos como imigrantes de conveniência

O princípio da livre circulação de trabalhadores dentro da UE significou que trabalhadores não organizados, especialmente de países da Europa Oriental, muitas vezes aceitam salários significativamente inferiores aos recebidos pelos trabalhadores organizados. O resultado foi que os ganha-pão em muitas famílias caíram no desemprego. Ao mesmo tempo, testemunhamos um crescente afluxo de refugiados para a Europa. Esses dois fatores combinados tiveram um impacto crítico no estado de bem-estar. No entanto, refugiados não europeus, muitas vezes de origem muçulmana, tornaram-se vítimas na luta política para ganhar o controle parlamentar. O cenário político dinamarquês é dominado por “políticos de subsistência”, que por gerações dependem da política como meio de subsistência, já que muitas vezes têm pouca ou nenhuma experiência na vida real. Eles usarão qualquer argumento para manter seu assento no parlamentar. Refugiados muçulmanos são frequentemente usados como um trunfo para ganhar votos. A grande mídia tem sido muito instrumental na apresentação dos refugiados como parasitas na raiz das dificuldades que afligem a população trabalhadora da Dinamarca. Partidos populistas, como o Partido Popular da Dinamarca, tornaram-se muito influentes na legislação que restringia os direitos dos estrangeiros até que os social-democratas adotassem suas políticas.

Legislação xenófoba

O impacto da globalização acelerada pela adesão à UE e a influência contínua de uma economia neoliberal, agressivamente controlada pelos EUA, teve o resultado não intencional de expor uma nova imagem dos dinamarqueses para a comunidade internacional. Até recentemente, os dinamarqueses eram conhecidos por sua tolerância e empatia em relação aos problemas sofridos por pessoas menos afortunadas longe. Hoje, o povo dinamarquês está agrupado com outros países europeus xenófobos, como a Hungria.

Enquanto o dinamarquês comum ainda tende a se ver como uma pessoa tolerante, aberta a estrangeiros, ele é de fato percebido pelos imigrantes como uma pessoa dominada por um forte senso de superioridade cultural e muitas vezes racial. Durante séculos, os dinamarqueses nunca tiveram que se questionar sobre identidade, já que raramente foram confrontados com uma cultura estrangeira. Agora, a maioria dos eleitores dinamarqueses procura se proteger do medo de estranhos e culturas estrangeiras através do estabelecimento de uma legislação xenófoba destinada a manter fora indivíduos e grupos que não correspondem à sua ideia do que significa ser dinamarquês. Assim, cidadãos dinamarqueses de pais imigrantes, refugiados e dinamarqueses de origem mista estão entre os afetados pela legislação que regula os benefícios do bem-estar e o direito de se tornarem cidadãos. A maioria, se não todos, os partidos políticos representados no parlamento apoiam a legislação atual, até mesmo os partidos de esquerda. A lei que estabelece os requisitos para obter a cidadania dá aos descendentes de imigrantes dinamarqueses para a Argentina a cidadania automática, desde que você possa provar que descende de ancestrais dinamarqueses puros, que podem ter emigrado para a Argentina há mais de 150 anos. A ascendência comum à ancestralidade dinamarquesa é mais importante do que a integração cultural e linguística comprovada. Portanto, se você é uma mulher estrangeira casada com um dinamarquês, você não se qualifica automaticamente para a cidadania, mesmo quando seus filhos obtêm automaticamente a cidadania dinamarquesa ao nascer, quando o pai é dinamarquês. Portanto, é apropriado descrever o racismo como uma parte intrínseca da cultura dinamarquesa. O sangue é mais forte do que o meio social.

O número de refugiados em busca de asilo na Dinamarca atingiu o pico em 2015, com 21316 refugiados recebendo asilo de um total de 60.000 requerentes. Embora a maioria viesse de países devastados pela guerra, eles eram frequentemente referidos na mídia como refugiados de conveniência. No início de 2016, o parlamento dinamarquês concordou com a chamada "lei de joias", que orientou a polícia nas passagens de fronteira a levar joias dos refugiados, presumivelmente para pagar os custos legais de sua demanda por asilo para evitar que se tornassem um fardo para os orçamentos públicos. Dois anos depois, a lei havia colhido apenas

cerca de US\$ 30.000 de requerentes de asilo. A lei foi criticada por outros países membros da UE e foi duramente atacada no Hard Talk da BBC, onde foi feita uma comparação com uma legislação semelhante feita pela Alemanha nazista para privar os judeus de sua propriedade. A lei da joia foi apenas o começo.

A lei do gueto

O parlamento dinamarquês introduziu um novo conjunto de leis com a chamada lei do Gueto, que visa regular a vida em 25 enclaves de baixa renda e fortemente muçulmanos. Famílias que não estão dispostas a se fundir com o mainstream do país correm o risco, na pior das hipóteses, de serem compelidas a sair do país ou, na melhor das hipóteses, expulsas de sua residência. A lei do gueto foi proposta com base no pressuposto de que os imigrantes exploram o estado de bem-estar social por não buscar ativamente emprego, que são mais criminosos do que os cidadãos médios e que as comunidades onde os imigrantes vivem os impedem de serem integrados à monocultura dinamarquesa. A lei do Gueto foi acordada pela maioria do parlamento em 2018 e é elogiada pela maioria dos partidos políticos dinamarqueses, incluindo o partido social-democrata no poder e, portanto, implicitamente os partidos de esquerda que garantem a maioria parlamentar ao governo da minoria social-democrata.

A lei do Gueto ressalta a proposição de que o racismo e a intolerância, especialmente em relação aos muçulmanos, estão profundamente enraizados no comportamento dinamarquês. A lei do Gueto prescreve que as crianças do gueto devem ser separadas de suas famílias com a idade de um ano por pelo menos 25 horas por semana, sem incluir a hora do cochilo, para instrução obrigatória em “valores dinamarqueses”, incluindo as tradições de Natal e Páscoa, e a língua dinamarquesa. A não conformidade pode resultar na interrupção dos pagamentos de bem-estar, como ajuda financeira durante o desemprego e a doença. Os dinamarqueses étnicos são livres para escolher se matriculam crianças na pré-escola até os seis anos de idade.

A herança da Dinamarca como proprietários de escravos

A xenofobia subjacente à legislação recente direcionada a estrangeiros tem raízes profundas. Uma pesquisadora dinamarquesa, Helle Stenum, sobre políticas e práticas de migração produziu um documentário para a televisão sobre o envolvimento da Dinamarca no comércio de escravos. A Dinamarca colonizou por um período de 200 anos três pequenas ilhas nas Índias Ocidentais até que foram vendidas aos EUA em 1917. Milhares de escravos africanos foram enviados em navios mercantes dinamarqueses da África Ocidental, particularmente do enclave dinamarquês na Gold Coast - atual Gana. Helle Stenum mostra em seu documentário

como os padrões de comportamento dinamarqueses hoje foram influenciados por experiências passadas como mestres e proprietários de escravos. Ela intitulou seu documentário *We carry it within us*, sugerindo assim que os valores subjacentes à legislação recente que visa regular a vida de estrangeiros e possíveis imigrantes para a Dinamarca formam parte integrante da herança cultural dinamarquesa. A literatura que descreve a vida nas antigas Índias Ocidentais dinamarquesas fornece histórias horríveis sobre escravos dispostos a cometer suicídio ou nadar por águas perigosas para as ilhas britânicas próximas nas Índias Ocidentais para evitar o tratamento desumano oferecido pelos mestres de escravos dinamarqueses, que geralmente eram retratados como mais cruéis e desumanos do que os de outras nações escravas, como os britânicos, os holandeses e os franceses.

Nenhuma notícia de última hora da Dinamarca

Visto da perspectiva de Bernie Sanders, a Dinamarca é como um subúrbio do planeta Terra. Um subúrbio para dormir que não se destaca e não chama a atenção de ninguém. Mas os dinamarqueses são sonâmbulos com profunda suspeita em relação a estranhos. Eles fecham os olhos para uma realidade, que já os cerca. Essas pessoas não merecem ser mantidas como modelo para ninguém. Desde que os desenhos animados de Maomé apareceram em 2005, nenhuma "notícia de última hora" saiu da Dinamarca. Lentamente, a imagem de tolerância mudou e foi substituída por uma de xenofobia e intolerância. Em 2019, o número de refugiados com asilo caiu para cerca de 1783 pessoas, uma queda de quase 90% em comparação com cinco anos atrás.

A Dinamarca é um dos poucos países da UE que oficialmente inverteu a política da UE de aceitar o multiculturalismo como uma política oficial com reconhecimento da diversidade e dos direitos das minorias. A Dinamarca ainda é oficialmente uma sociedade monocultural, apesar de mais de 10% de sua população ser composta por indivíduos de origem estrangeira, 6,1% de países não ocidentais e 5% de muçulmanos. Embora as políticas de imigração apliquem o conceito de integração, elas visam de fato a assimilação na monocultura dinamarquesa.

Construindo uma identidade multicultural

Escapar da prisão da paranoia xenófoba exigiria atividades cuidadosamente planejadas e estrategicamente bem pensadas. Isso evocaria intervenções governamentais firmes e decisivas com o apoio de todo o parlamento, após uma mudança fundamental de valores entre o povo. Os procedimentos eleitorais atuais não oferecem muita esperança de reformas positivas, pois depende de um eleitorado esclarecido, que pressupõe jornalistas inteligentes e corajosos, bem como políticos. O político médio está bem ciente de que a Dinamarca e outros países da UE

precisam de um novo e fresco suprimento de trabalhadores de fora da UE para combater sua população doente. Infelizmente, é provável que nenhum membro do parlamento use essa consciência em favor de reformas legislativas, desde que seu assento dependa de votos de uma população xenófoba mantida com medo de culturas estrangeiras por uma mídia, que precisa sobreviver vendendo notícias para garantir sua base financeira de anunciantes. É um círculo vicioso, com o povo dinamarquês mantido como reféns e perdedores.

Se o parlamento tivesse sinceramente o bem-estar da Dinamarca no coração - e não apenas o de manter a subsistência de seus membros - faria bem em defender políticas de imigração inovadoras e direitos de se tornarem cidadãos. Ele revisaria o currículo escolar para garantir que as crianças aprendessem a se adaptar a uma comunidade multicultural. Ele exigiria dos sindicatos, durante sua revisão regular dos acordos trabalhistas existentes, que eles realizassem workshops e seminários sobre como os membros do sindicato deveriam se acomodar a uma sociedade multicultural e realizaria seminários para jornalistas para garantir que informações válidas chegassem à população dinamarquesa por meio de todas as mídias possíveis, incluindo as sociais. Só então os dinamarqueses teriam a possibilidade de serem libertados da xenofobia com a chance de desenvolver novos relacionamentos.

Com uma campanha de informação intensiva e bem focada nos próximos cinco a dez anos, os dinamarqueses aprenderiam a se ver como membros de uma sociedade multicultural. Com uma identidade multicultural adotada pela maioria dos dinamarqueses, o parlamento teria a coragem de introduzir leis e regulamentos que garantiriam um tratamento justo e igual para todos, independentemente de raça, religião e origem. Adotar tais leis de acordo com as necessidades do futuro não ameaçaria o comportamento egoísta dos políticos de subsistência. Além disso, essas leis, ainda por vir, não contradiriam as convenções internacionais e Sanders seria novamente capaz de apontar para a Dinamarca como modelo - caso lhe fosse dada tal oportunidade!

Disponível em: <https://www.meer.com/en/64654-xenophobia-threatens-the-danish-welfare-model>.

ANEXO H – Matéria do GE

Camisa monocromática da Dinamarca carrega protesto contra Catar, revela patrocinadora**Objetivo é "não estar visível durante torneio que custou a vida de milhares de pessoas"**

Por Redação do ge — Copenhague, Dinamarca

28/09/2022 12h21 Atualizado há um ano

A patrocinadora de material esportivo da seleção da Dinamarca revelou que a camisa monocromática que o país utilizará na Copa do Mundo faz parte de um protesto pelo Catar ser o país-sede da competição. Para a empresa, o objetivo é passar despercebido "durante um torneio que custou a vida de milhares de pessoas".

De acordo com a patrocinadora, as camisas são não só uma homenagem ao título da Dinamarca na Eurocopa de 1992 mas também "um protesto contra o Catar e o seu histórico de direitos humanos". O uniforme principal da seleção dinamarquesa para a Copa é todo vermelho. O secundário, todo branco. E o terceiro, todo preto. Tanto o brasão da Federação Dinamarquesa de Futebol (DBU) quanto a marca da patrocinadora seguem as mesmas cores, sem maiores contrastes como o da numeração.

Em comunicado, o Supremo Comitê para Entrega e Legado, que organiza a Copa do Mundo no Catar, contestou a posição da Hummel e rejeitou, com "todo o coração a banalização de nosso compromisso genuíno de proteger a saúde e a segurança dos trabalhadores"

Em novembro do ano passado, a DBU havia anunciado que disputaria a Copa do Mundo no Catar apenas com foco esportivo, e não também comercial. Já estava prevista a mudança na estampa de patrocinadores nas camisas de jogo por mensagens humanitárias.

A DBU tem se posicionado com duras críticas à organização do Mundial no Catar, devido ao histórico polêmico em relação a direitos humanos no país asiático, como a proibição da homossexualidade.

A Dinamarca está no grupo D da Copa do Mundo, junto com Austrália, França e Tunísia. A estreia será no dia 22 de novembro, contra os tunisianos.

Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2022/09/28/camisa-monocromatica-da-dinamarca-e-protesto-contra-catar-revela-patrocinadora.ghtml>.